



Universidade Federal de Ouro Preto
Escola de Minas
Departamento de Arquitetura e Urbanismo



LARISSA RAYANE GAMARANO MENEZES

GRANDE HOTEL DE OURO PRETO: ENSAIO SOBRE A SUA OBRA

Ouro Preto
2026

Larissa Rayane Gamarano Menezes

GRANDE HOTEL DE OURO PRETO: ENSAIO SOBRE A SUA OBRA

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientação: Prof. Dr. Raíssa Pereira Cintra de Oliveira.

Ouro Preto
2026



FOLHA DE APROVAÇÃO

Larissa Rayane Gamarano Menezes

Grande Hotel de Ouro Preto: ensaio sobre sua obra

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de graduação.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2026.

Membros da banca

Profa. Dra. Raíssa Pereira Cintra de Oliveira - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Claudia Maria Arcipreste - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Felipe de Araujo Contier - (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Raíssa Pereira Cintra de Oliveira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/03/2026



Documento assinado eletronicamente por **Raissa Pereira Cintra de Oliveira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/03/2026, às 17:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1071806** e o código CRC **B7772667**.

Dedico este trabalho aos meus filhos, Maria e Arthur, que sempre estiveram ao meu lado durante essa trajetória. Aos meus amigos e família Soares que me deram apoio incondicional. Dedico também ao meu namorado Felipe por ser meu refúgio, colo e amor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido saúde e força para que eu pudesse concluir esta caminhada de forma vitoriosa. À minha mãe por sempre ser minha inspiração de mulher forte e guerreira. Ao meu tio/pai Dú por ser meu alicerce e nunca soltar minha mão.

Aos meus filhos, Maria e Arthur, agradeço pelo amor e pelo carinho, obrigada por estarem sempre presentes nesta fase tão importante da minha vida, vocês iluminam meus dias e me fazem compreender que a vida, por si só, é um grande milagre.

Meus mais sinceros agradecimentos à minha orientadora Raíssa por acreditar em mim desde o início, pela dedicação, paciência, e pelas inúmeras contribuições ao longo do desenvolvimento deste trabalho final de graduação.

Aos professores e mestres que se tornaram amigos, aos amigos que se tornaram professores e mestres, por me ensinarem não apenas o necessário para o exercício da profissão, mas, muitas vezes, lições essenciais para o exercício da própria vida.

Agradeço a todos os familiares e amigos que, de alguma maneira, fizeram parte dessa trajetória e aos amigos e colegas de sala pelas sugestões, apoio moral e acolhimento. Em especial, agradeço à família Soares, que me acolheu como um deles e que fez com que esse período que passei na faculdade fosse mais feliz e leve.

Meus mais sinceros agradecimentos à Helenice, do Arquivo Público de Ouro Preto, e a toda a sua equipe, que não mediram esforços para me auxiliar na busca por documentos fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. A dedicação, a disponibilidade e o cuidado com que fui atendida foram essenciais para que este trabalho se tornasse possível.

Agradeço à equipe do IPHAN Ouro Preto e à Fundação Niemeyer, especialmente pela atenção, pela solicitude e pela disposição em colaborar, sempre me auxiliando dentro das possibilidades e contribuindo de forma significativa para o enriquecimento deste estudo.

Ao Sr. Jarbas, proprietário do Grande Hotel Ouro Preto, e a toda a equipe do hotel, meu reconhecimento especial; a disponibilidade para atender às minhas

solicitações foram essenciais para este trabalho. Ao Rogério, pela paciência, pela atenção e pela generosidade em esclarecer minhas dúvidas e em me apresentar, com tanto cuidado, cada detalhe possível do hotel, permitindo que este trabalho alcançasse maior fidelidade, profundidade e sensibilidade.

A todos que fizeram parte da minha vida em qualquer etapa e deixaram suas marcas; aos que já não estão mais presentes; aos que me aconselharam; aos que não permitiram que eu desistisse; aos que me pediram para ser forte; e aos que caminharam ao meu lado: minha mais profunda gratidão. Muito obrigada! Sem vocês, este trabalho não seria possível.

“Se a reta é o caminho mais curto entre dois pontos, a curva é o que faz o concreto buscar o infinito”.

(Oscar Niemeyer – 1907-2012)

RESUMO

Este Trabalho Final de Graduação investiga o processo de concepção, desenvolvimento e construção do Grande Hotel de Ouro Preto, edificado entre as décadas de 1930 e 1940, com o objetivo de compreender a obra a partir das relações sociais, institucionais e técnicas que condicionaram sua produção. A pesquisa problematiza a leitura da arquitetura como resultado exclusivamente formal ou autoral, propondo uma análise que considere os diferentes agentes envolvidos, os embates conceituais e as contradições presentes no contexto de consolidação da arquitetura moderna em um centro histórico tombado. A metodologia adotada baseia-se em pesquisa bibliográfica, análise documental, estudo de caso e levantamento em campo, com ênfase na utilização de fontes visuais e iconográficas como documentos históricos, confrontados com narrativas oficiais e com a obra construída. O trabalho discute as diferentes propostas de projetos até chegar ao projeto atual.

Palavras-chave: Estudo de produção; Grande Hotel de Ouro Preto; Arquitetura Moderna; Oscar Niemeyer; História da Arquitetura.

ABSTRACT

This Final Undergraduate Project investigates the process of conception, development, and construction of the Grande Hotel of Ouro Preto, built between the 1930s and 1940s, with the aim of understanding the work through the social, institutional, and technical relationships that shaped its production. The research challenges interpretations of architecture as an exclusively formal or authorial result, proposing an analysis that considers the different agents involved, the conceptual debates, and the contradictions present in the context of the consolidation of modern architecture within a listed historic center. The methodology adopted is based on bibliographic research, documentary analysis, a case study, and fieldwork, with an emphasis on the use of visual and iconographic sources as historical documents, examined in dialogue with official narratives and with the built work itself. The study discusses the different design proposals developed prior to the modern project by Oscar Niemeyer, as well as the adaptations made during construction to accommodate the urban site and heritage preservation requirements. The spatial, constructive, and typological solutions of the building are also analyzed. It is concluded that the Grande Hotel of Ouro Preto constitutes a significant example of Brazilian modern architecture, whose understanding requires viewing its production as a collective process, embedded in a specific historical context marked by negotiations between past and present.

Key words: Grande Hotel de Ouro Preto; Modern Architecture; Historical Heritage; Oscar Niemeyer; History of Architecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicação sobre o Grande Hotel Ouro Preto.....	8
Figura 2 – Publicação sobre o Grande Hotel Ouro Preto.....	9
Figura 3 – Publicação sobre o Grande Hotel Ouro Preto.....	9
Figura 4 – Publicação sobre o Grande Hotel Ouro Preto.....	10
Figura 5 – Contextualização geográfica da cidade de Ouro Preto.....	12
Figura 6 – Mapa de proximidade do Grande Hotel Ouro Preto.....	12
Figura 7 – Contextualização geográfica de acesso ao Grande Hotel Ouro Preto....	13
Figura 8 – Implantação real do Grande Hotel Ouro Preto.....	14
Figura 9 – Acesso de pedestres e veículos.....	15
Figura 10 – Plantas e circulações do Hotel.....	16
Figura 11 – O Grande Hotel Ouro Preto hoje.....	17
Figura 12 – Suíte JK.....	17
Figura 13 – Suíte JK.....	18
Figura 14 – Suíte nobre.....	19
Figura 15 – Suíte luxo.....	20
Figura 16 – Corte dos lofts do Unité d'Habitation.....	21
Figura 17 – Cortes suítes Grande Hotel.....	22
Figura 18 – Apartamento duplo.....	23
Figura 19 – Apartamento triplo.....	23
Figura 20 – Restaurante Oscar e varanda panorâmica.....	24
Figura 21 – Estacionamento.....	25
Figura 22 – Casamento na área de Pilotis.....	25
Figura 23 – Salão de festas.....	26
Figura 25 – Depoimento de José Dias.....	27
Figura 26 – Terreno antes da construção.....	29
Figura 27 – Simulação de como ficaria o Hotel.....	30
Figura 28 – Fachada projeto Carlos Leão.....	31
Figura 29 – Inserção projeto Carlos Leão - vista 1.....	31
Figura 30 – Inserção projeto Carlos Leão - vista 2.....	32
Figura 31 – Proposta com terraço jardim.....	35
Figura 32 – Vista aérea do Grande Hotel de Ouro Preto.....	37
Figura 33 – Esquema de modificações das propostas.....	38
Figura 34 – Construção do Grande Hotel.....	38
Figura 35 – Matéria do jornal A Noite.....	40
Figura 36 – Fachada do Grande Hotel.....	42
Figura 37 – Implantação do Grande Hotel destacado em vermelho.....	43
Figura 38 – Implantação atual do terreno.....	44
Figura 39 – Implantação atual do terreno.....	45

Figura 40 – Corte longitudinal esquemático.....	46
Figura 41 – Corte longitudinal esquemático.....	46
Figura 42 - Muros de arrimo em pedra seca e passarela do Grande Hotel.....	46
Figura 43 – Acessos ao Grande Hotel.....	47
Figura 44 - Simulação de como ficaria a parte anexa ao hotel com a reforma e ampliação proposta na década de 1980.....	49
Figura 45 - Planta da rampa de acesso e elevadores na proposta de ampliação e reforma.....	50
Figura 46 - Maquete da reforma e ampliação pós privatização.....	51
Figura 47 – Planta com a localização dos pilares.....	52
Figura 48 – Simulação do projeto hidrosanitário.....	53
Figura 49 – Planta destacando as circulações na cor laranja.....	54
Figura 50 – Planta destacando as circulações na cor laranja.....	54
Figura 51 - Planta com a organização espacial.....	55
Figura 52 - Escada suíte com carpete.....	57
Figura 53 - Vista da escada da suíte.....	57
Figura 54 - Escada suíte JK em madeira.....	58
Figura 55 - Detalhes da vista da escada da suíte JK.....	58
Figura 56 - Escada de ferro com carpete da suíte.....	58
Figura 57 - Vista da escada de ferro da suíte.....	59
Figura 58 - Escada da suíte em madeira.....	59
Figura 59 – Banheiros.....	60
Figura 60 – Planta do térreo com a cozinha (em desuso).....	61
Figura 61 - Planta da cozinha.....	61
Figura 62 - Pontos de água/pia.....	61
Figura 63 – Planta da cozinha atual.....	62
Figura 64 - Pontos de água/pia.....	62
Figura 65 - Planta do Grande Hotel. Banheiros e cozinhas na cor azul.....	63
Figura 66 - Detalhe da laje e cobertura.....	64
Figura 67: Planta com localização de janelas em fita.....	65
Figura 68 – Medidas das esquadrias.....	66
Figura 69 – Detalhamento das esquadrias.....	67
Figura 70 – Detalhamento das esquadrias.....	67
Figura 71 - Fachada do Grande Hotel com janela octogonal.....	68
Figura 72 - Maquete do Grande Hotel com a fachada com janelas octogonais...	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	3
2 OBJETIVOS.....	4
3 METODOLOGIA.....	5
3.1 Caracterização da pesquisa.....	5
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
4.1 APRESENTAÇÃO DA ÁREA.....	11
4.2 O GRANDE HOTEL HOJE.....	15
4.3 DEMANDAS E AGENTES ENVOLVIDOS NA CONSTRUÇÃO DO GRANDE HOTEL DE OURO PRETO: O CONTEXTO.....	26
4.4 DESENVOLVIMENTO DOS PROJETOS DO GRANDE HOTEL.....	29
4.5 PROCESSO DE PRODUÇÃO DO PROJETO ESCOLHIDO.....	43
4.5.1 Implantação.....	43
4.6 ACESSOS.....	47
4.7 ESTRUTURA.....	51
4.7.1 Projeto hidrosanitário.....	52
4.7.2 Circulação.....	53
4.7.3 Áreas molhadas.....	59
4.7.4 Cobertura.....	64
4.7.5 Aberturas.....	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICES.....	74

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a construção do Grande Hotel de Ouro Preto. Trata-se de entender as motivações dessa demanda datadas nas décadas de 1930 e 1940, as discussões envolvidas, os agentes que participaram mas também as modificações ocorridas na década de 1980. As reflexões aqui propostas buscam articular, dentro dos limites temporais estabelecidos para este estudo, as diversas relações inerentes ao processo de produção arquitetônica, contemplando as etapas de concepção do projeto, os diferentes agentes envolvidos na definição do desenho e na execução da obra, bem como as questões pertinentes ao contexto da época. Este trabalho analisa, ainda, os debates relativos à linguagem arquitetônica adotada, às tecnologias empregadas, aos materiais utilizados e à atuação dos profissionais participantes, de modo a compreender de forma abrangente os múltiplos fatores que influenciaram a realização do empreendimento. Por falta de documentação, também teve como objetivo compreender a obra naquilo que foi proposto e no que foi construído, pois isso, pretende descrever sistematicamente todas etapas da obra, desde a implantação até a escolhas de materiais, orientando futuras possibilidades de investigações sobre os agentes participantes.

As fontes documentais constituem elemento fundamental para qualquer investigação científica. Contudo, no âmbito das pesquisas voltadas à produção arquitetônica, frequentemente apresentam limitações significativas, especialmente em razão da escassez de registros relativos às condições concretas de execução das obras.. Reconhece-se que pouco se preserva acerca do cotidiano do canteiro e dos processos construtivos, o que impõe desafios metodológicos relevantes. Isto posto, torna-se imprescindível atribuir centralidade às fontes visuais identificadas, compreendendo-as como documentos passíveis de interpretação crítica e não como meros recursos ilustrativos, uma vez que elas preservam informações sobre diferentes etapas e dinâmicas do processo produtivo, permitindo acessar dimensões que, por vezes, não se encontram registradas em fontes textuais. Conforme argumenta Ulpiano Meneses (2003), a História deve incorporar a visualidade como objeto legítimo de investigação, superando o uso ilustrativo das imagens. Nessa perspectiva, a História Visual configura-se como uma ampliação do instrumental

historiográfico, capaz de enriquecer a compreensão dos processos sociais em sua dimensão simbólica, material e sensorial.

Nesse sentido, o presente trabalho propõe o confronto entre as fontes documentais, as narrativas oficiais, e a materialidade da própria obra. No campo da pesquisa sobre a produção arquitetônica, o tratamento crítico com as fontes e a confrontação entre elas assume uma relevância ainda maior, uma vez que as etapas de execução tendem, com frequência, a ser invisibilizadas nos registros históricos. É precisamente nas tensões entre o discurso e o construído, entre as intenções projetuais, suas reformulações, impasses ou adaptações ao longo do processo, que a produção arquitetônica se revela de maneira mais evidente e analiticamente fecunda.

A pesquisa, de caráter descritivo, utiliza-se de análise de documentos e pesquisa bibliográfica para compreensão do projeto do Grande Hotel de Ouro Preto e definir os agentes e questões político-econômicas, em se tratando da sua construção.

O primeiro capítulo faz a introdução da pesquisa, mostrando a relevância do projeto, os autores que deram embasamento para o estudo e dá diretrizes sobre os demais capítulos do trabalho.

No segundo capítulo, são apresentados os objetivos do projeto, seguidos pelo terceiro capítulo, que trata da metodologia da pesquisa.

No quarto capítulo, trata-se de uma verificação in loco de cada etapa da obra, sendo sobretudo descritivo para compreender de fato tais confrontos entre projeto e o executado. No quinto capítulo foram apresentadas as considerações finais a respeito do tema desenvolvido, bem como os resultados alcançados.

2 OBJETIVOS

- Compreender como o Projeto do Grande Hotel foi construído, reavendo cada etapa da obra em suas principais características existentes.

3 METODOLOGIA

Segundo Gil (1999), o método pode ser compreendido como um conjunto de procedimentos tecnicamente organizados, sistematizados com a finalidade de viabilizar a produção e a obtenção do conhecimento científico.

Estes métodos esclarecem acerca dos procedimentos lógicos que deverão ser seguidos no processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade. (Gil, 1999, p. 26)

Assim, o pesquisador pode definir o tipo de pesquisa que irá realizar, seu alcance, como os fatos poderão ser explicados e a validade das generalizações que fizer (Gil, 1999).

3.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem exploratória e descritiva, fundamentada em leituras bibliográficas e em análise de documentos e do estudo de caso, no caso o Grande Hotel de Ouro Preto. A abordagem qualitativa é mais adequada para compreender as percepções, dificuldades e realidades dos processos em relação à construção do Grande Hotel.

A pesquisa demandou vários momentos de investigação no Arquivo Público de Ouro Preto - onde foi encontrada a maioria dos documentos que foram utilizados na pesquisa - no Escritório do IPHAN de ouro Preto - onde também foram encontrados documentos sobre o objeto de estudo, no IPHAN RJ e no Arquivo Público Mineiro.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de etapas distintas. Contudo, tais etapas não se configuraram de maneira linear, ocorrendo de forma dinâmica e

alternada, à medida que as questões investigativas eram formuladas e reformuladas a partir das análises documentais e das visitas realizadas.

Foi realizado um levantamento das publicações sobre o hotel, sistematizando os debates mais relevantes. A pesquisa buscou tais referências na hemeroteca, no arquivo municipal, na biblioteca da Escola de Minas, arquivos do IPHAN Ouro Preto e acervo do Grande Hotel Ouro Preto. Isso resultou numa sistematização das narrativas de convencimento ou de financiamento para a construção do Grande Hotel, nas discussões sobre a linguagem da arquitetura moderna e sua inserção em um centro histórico, bem como na realização deste projeto em uma cidade isolada como Ouro Preto.

Em diferentes momentos da pesquisa fez-se necessária a ida a campo para realização de levantamentos e entrevistas, com o objetivo de aprofundar a análise, bem como confrontar e validar a documentação consultada e as hipóteses formuladas.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

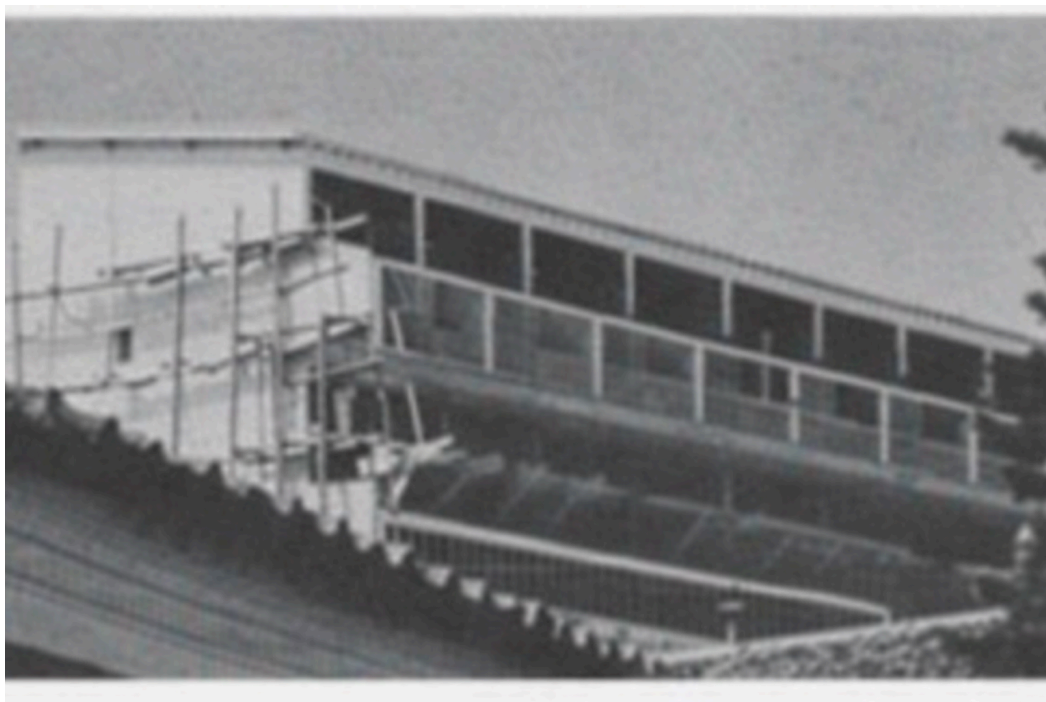
A historiografia canônica da arquitetura, ao privilegiar uma abordagem panorâmica da história, tende a reforçar a concepção de que a arquitetura é fruto de realizações individuais, frequentemente construindo a figura dos “gênios” que, embora tenham sua relevância reconhecida, são consagrados como autores exclusivos de determinadas obras.

Um exemplo clássico é a literatura em torno do trabalho de Oscar Niemeyer. Entretanto, propõe-se uma ampliação dessa visão canônica da arquitetura, tomando como referência a construção do Grande Hotel de Ouro Preto (1940), de modo a compreendê-la como resultado das múltiplas relações que permeiam sua produção e das contradições que a constituem. Nessa perspectiva, a arquitetura é entendida como arte coletiva e como parte da produção material da sociedade em determinado tempo histórico, em contraposição à noção de obra atribuída exclusivamente a um “gênio” individual.

Assim, a leitura da arquitetura centrada apenas na linguagem final da obra ou em seu projeto, revela-se insuficiente para compreender as várias negociações que possibilitam a sua existência, bem como os conflitos, contradições, apagamentos, atrasos ou mediações envolvidos em sua concretização. A produção material da arquitetura depende de uma série de fatores que a modifica constantemente, como as demandas políticas, as implicações das demandas e exigências, as relações entre trabalhadores e agentes da construção, além das condições técnicas, financeiras e culturais de determinadas obras. A perda desta perspectiva mais complexa implica o apagamento de vestígios fundamentais de uma sociedade e restringe as possibilidades de a própria arquitetura se reconhecer enquanto prática inserida no mundo.

A obra do Grande Hotel de Ouro Preto foi intensamente veiculada em várias revistas e exposições sobre a arquitetura moderna brasileira no período entre 1940 e 1950, à exemplo do catálogo de exposições da reconhecida *Brazil Buildings* (FIG. 1), que revelou e consagrou uma série de obras modernas pelo mundo.

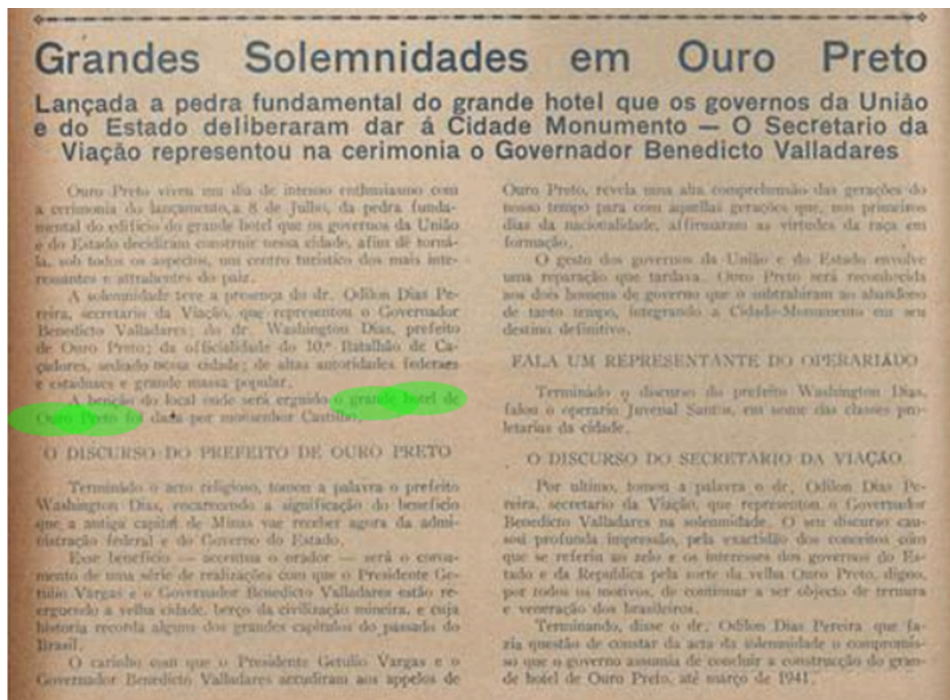
Figura 1 – Publicação sobre o Grande Hotel Ouro Preto.



Fonte: Brazil Buildings (1943, p. 88).

Outras publicações, de caráter mais corrente, também divulgaram a obra, como a Revista Nação Brasileira (FIG. 2), O Cruzeiro (FIG. 3), A Manhã (RJ, 1944) e Sombra (FIG. 4). Cada uma delas apresenta a obra do Hotel a partir de seus próprios interesses editoriais, contudo, em todas elas, a arquitetura foi reiteradamente associada às ideias de inovação e a modernidade atribuídas ao mestre Oscar Niemeyer.

Figura 2 – Publicação sobre o Grande Hotel Ouro Preto.



Fonte: Nação Brasileira (1940).

Figura 3 – Publicação sobre o Grande Hotel Ouro Preto.



Fonte: O Cruzeiro (1944).

Figura 4 – Publicação sobre o Grande Hotel Ouro Preto.

Grande Hotel de Ouro Preto

Quando o hotel moderníssimo se ergueu no chão sagrado de Ouro-Preto, as pedras senectáveis não protestaram. Não armaram carranca, as imagens do Alcipadinho. Não lançaram antenas as torres altas, de sinos sonoros. Não ficaram zangadas as manções coloniais enfeitadas de azulejos. O gênio das cidades passára por ali, explicando, doatrandando, justificando;

Que lhes adiantaria a glória de pertencerem à Cidade-Monumento, si para sentir-lhes o selho encantado esotérico, os turistas tivessem de suportar, mal humorados o desconforto de ontras séculos? De que valeria o título de relicário nacional si ninguém fosse tocar com as mãos devotas e olhar com olhos cheios de respeito, as coisas santificadas pela Inconfidência?

A cidade venerável compreendeu que precisava do presente para acolher os enamorados da História. Acolheu, de-lambreada, o grande hotel de turismo. E como uma não gloriosa em mar estranho ele ergue à luz pura da montanha a certeza tranquila de estar servindo à cultura.

Obra da administração progressista do governador Renedito Valadares, que não tem poupado esforços no sentido de incrementar as correntes turísticas para sua formosa terra, o Grande Hotel de Ouro-Preto preencherá facilmente a finalidade para que foi criado — e isto porque sua exploração foi entregue a Alberto Quatrini Bianchi, bandeirante do turismo no Brasil cujo conhecimento tem possibilitado a inúmeros estrangeiros com sua cadeia de hotéis instalados nos pontos mais pitorescos do país.



BAR DO GRANDE HOTEL



GRANDE HOTEL

HAUFELD

Fonte: Sombra (1944).

Sabe-se que, para a execução do Ministério da Educação e Saúde (MES), realizado em 1936, portanto alguns anos antes da obra do Hotel, foi necessário um esforço significativo no processo produtivo, em razão da escassez de materiais e componentes compatíveis com a linguagem moderna pretendida. Tal condição é evidenciada, por exemplo, pela importação de elementos, como vidros, esquadrias e brises. Esse quadro indica que a produção da arquitetura moderna no período ainda enfrentava limitações impostas pelas condições técnicas disponíveis no país.

Assim, alguns sinais mostram também estas mesmas condições dificultadas na obra do Hotel. As dimensões das esquadrias previstas em projeto, com amplos vãos envidraçados, não encontravam correspondência na paisagem urbana de Ouro Preto. Ao contrário, os maiores panos de vidro então viáveis não ultrapassam as limitações impostas pelas janelas do conjunto urbano protegido pelo IPHAN, muitas delas caracterizadas por modulações mais reduzidas. Estes sinais, mas não apenas, apontam para um conjunto de adaptações e para a atuação de diferentes agentes no processo construtivo, evidenciando um contexto específico que viabilizou a obra naquele local e sob determinadas condições, o que reafirma o caráter coletivo da produção da arquitetura.

4.1 APRESENTAÇÃO DA ÁREA

O município de Ouro Preto, localizado no estado de Minas Gerais, integra a região conhecida como Quadrilátero Ferrífero, caracterizada pela elevada concentração de recursos minerais e pela intensa atividade mineradora ao longo da história. A região apresenta predominância da exploração de minério de ferro, além de ocorrências significativas de outros minerais, como ouro, manganês, cobre, níquel, bauxita e cassiterita. Do ponto de vista geográfico, o município situa-se na porção central do território mineiro, inserido na cadeia da Serra do Espinhaço e na denominada Zona Metalúrgica do estado, distando aproximadamente 96 quilômetros da capital, Belo Horizonte (IBGE, 2022; CPRM, 2014).

Figura 5 – Contextualização geográfica da cidade de Ouro Preto.



Fonte: A autora (2025).

O Grande Hotel de Ouro Preto encontra-se situado no centro histórico da cidade, ao lado da Casa dos Contos e a uma curta distância, a pé, de importantes marcos urbanos, como a Praça Tiradentes, o Museu da Inconfidência e a Igreja Nossa Senhora do Carmo, a Casa dos Contos e o Horto dos Contos. Essa localização central favorece o acesso aos principais pontos turísticos, possibilitando que visitantes percorram o conjunto histórico predominantemente a pé (IPHAN, 2015).

Figura 6 – Mapa de proximidade do Grande Hotel Ouro Preto.



Fonte: Captura de tela do (google earth), editado pela autora (2025).

Partindo de Belo Horizonte (MG) pela BR-356, indicada em amarelo no mapa, o trajeto contorna o município de Ouro Preto e segue em direção à cidade de Mariana, conhecida como Primaz de Minas e de reconhecida relevância para a história do estado. Já o percurso assinalado em vermelho no mapa corresponde ao acesso ao centro histórico, passando pelo Terminal Rodoviário Padre Rolim e conduzindo à Praça Tiradentes, onde se localiza o Grande Hotel de Ouro Preto (Google Maps, 2026).

Figura 7 – Contextualização geográfica de acesso ao Grande Hotel Ouro Preto.



Fonte: Captura de tela do (google earth), editado pela autora (2025).

O Grande Hotel situa-se na Rua Senador Rocha Lagoa, número 164, no centro de Ouro Preto. A edificação dispõe de acesso independente para pedestres e de destinada ao estacionamento de veículos. Implantado em terreno com topografia acidentada, o conjunto apresenta uma área de aproximadamente 3.000 m², estabelecendo-se entre a Casa dos Contos e a Escola Dom Pedro (Grande Hotel de Ouro Preto, 2025).

Figura 8 – Implantação real do Grande Hotel Ouro Preto.

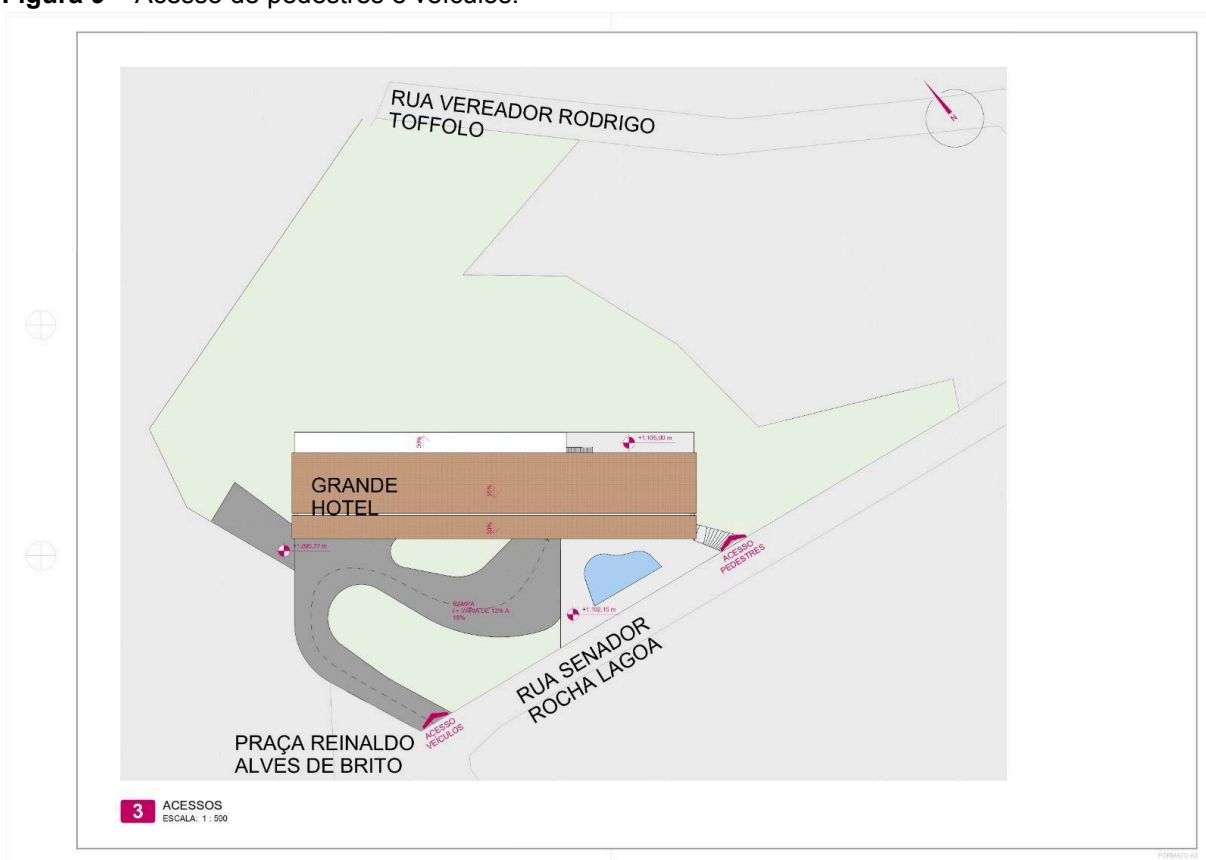


Fonte: Captura de tela do (google earth), editado pela autora (2025).

4.2 O GRANDE HOTEL HOJE

O intuito desta seção consiste em descrever as diferentes etapas da obra, buscando investigar de maneira aprofundada os desafios enfrentados ao longo de sua execução. O acesso ao Hotel de Ouro Preto (FIG. 9) realiza-se por duas modalidades distintas. O acesso de pedestres ocorre por meio de escadaria situada na Rua Senador Rocha Lagoa, dando-se pela área da piscina. Já o acesso de veículos ocorre no encontro da Rua das Flores com a Praça Reinaldo Alves de Brito.

Figura 9 – Acesso de pedestres e veículos.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O Hotel organiza-se em pavimento térreo e primeiro pavimento destinados ao uso social, enquanto o segundo e o terceiro pavimentos abrigam as unidades de hospedagem. O acesso ao primeiro pavimento realiza-se por meio de rampa e escada (FIG. 10). Na sequência, o acesso aos apartamentos ocorre por escada principal de 1,50 metros de largura e espelho de 0,6 metros, conduzindo ao segundo pavimento, onde um corredor central distribui as unidades. Cada unidade duplex possui escada interna própria, que leva aos ambientes privativos situados no

terceiro pavimento. As circulações encontram-se destacadas em laranja (FIG. 10), enquanto as áreas molhadas estão indicadas em azul. Observa-se que as circulações verticais apresentam larguras distintas, em razão da diferenciação entre os percursos destinados aos hóspedes e aqueles reservados ao serviço e aos funcionários.

Figura 10 – Plantas e circulações do Hotel.

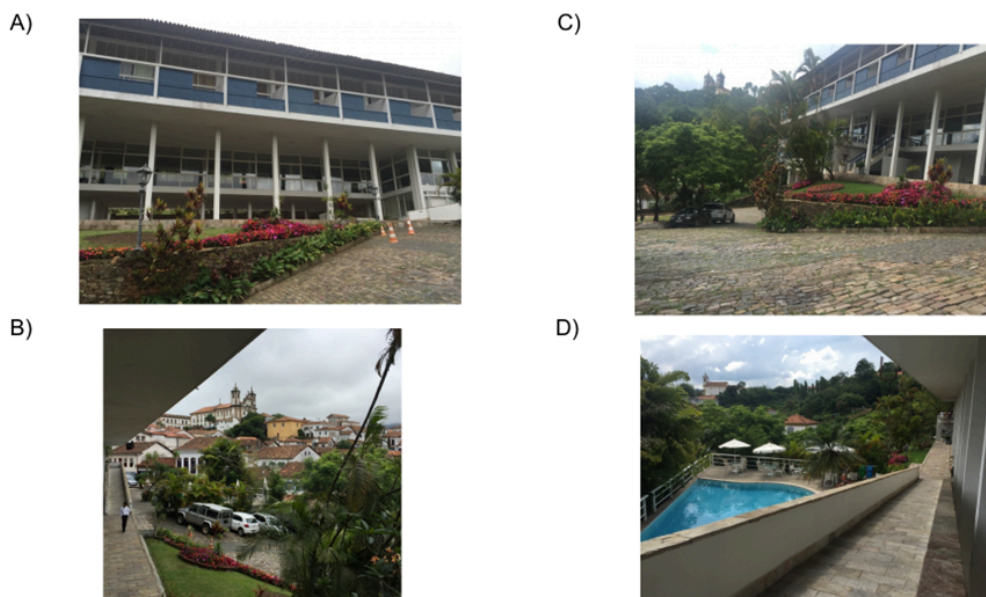


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O Hotel dispõe de 35 unidades habitacionais, distribuídas em tipologias distintas: 17 (dezessete) apartamentos, 16 (dezesseis) suítes duplex - compostas por sala e varanda - e 1 (uma) suíte especial, de caráter presidencial, denominada JK. As suítes apresentam área aproximada de 38 m² e diferenciam-se entre si sobretudo pelo desenho dos banheiros e pela configuração do mezanino implantado sobre a sala de estar (Grande Hotel de Ouro Preto, 2025)..

Os apartamentos, por sua vez, possuem cerca de 17,50 m² e distinguem-se das suítes por não configurarem unidades duplex e por não disporem de vista panorâmica para o centro histórico, orientando-se para o jardim situado na porção posterior do hotel (Grande Hotel de Ouro Preto, 2025).

Figura 11 – O Grande Hotel Ouro Preto hoje.



Fonte: A autora e site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

A suíte especial de caráter presidencial, denominada JK, possui área aproximada de 78 m², compreendendo quarto principal, quarto de apoio, closet, saleta e ampla sala de estar (FIG. 12 - A, B, C), além da varanda (FIG. 12 - D) com vista panorâmica para o centro histórico.

Figura 12 – Suíte JK.

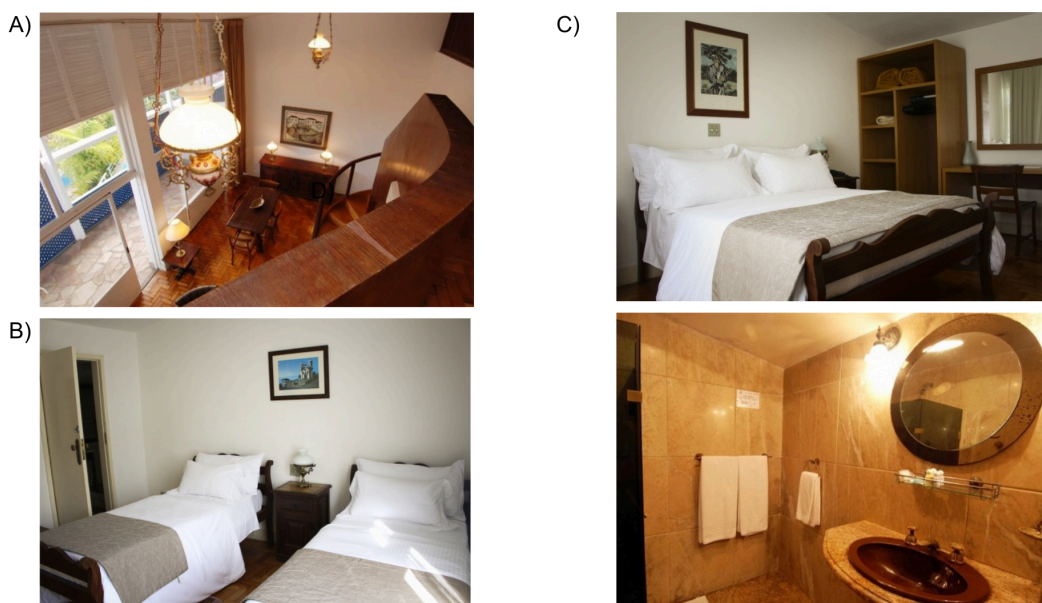


Fonte: Site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

A suíte JK organiza-se a partir de uma configuração espacial que evidencia hierarquia e amplitude dos ambientes. A sala de estar constitui o principal espaço de permanência, articulando-se visual e funcionalmente com a varanda (FIG. 13 - A), que se abre para o centro histórico e amplia a relação entre interior e exterior.

Além do quarto principal (FIG. 13 - C), destinado ao uso predominante da unidade, a suíte dispõe de um quarto de apoio (FIG. 13 - B), que complementa sua funcionalidade e flexibilidade de uso. A presença de closet e saleta reforça o caráter diferenciado da tipologia, conferindo maior privacidade e conforto. O banheiro (FIG. 13 - D) integra o conjunto de ambientes com dimensões compatíveis à proposta da unidade, consolidando o padrão espacial e a qualidade do programa adotado.

Figura 13 – Suíte JK.

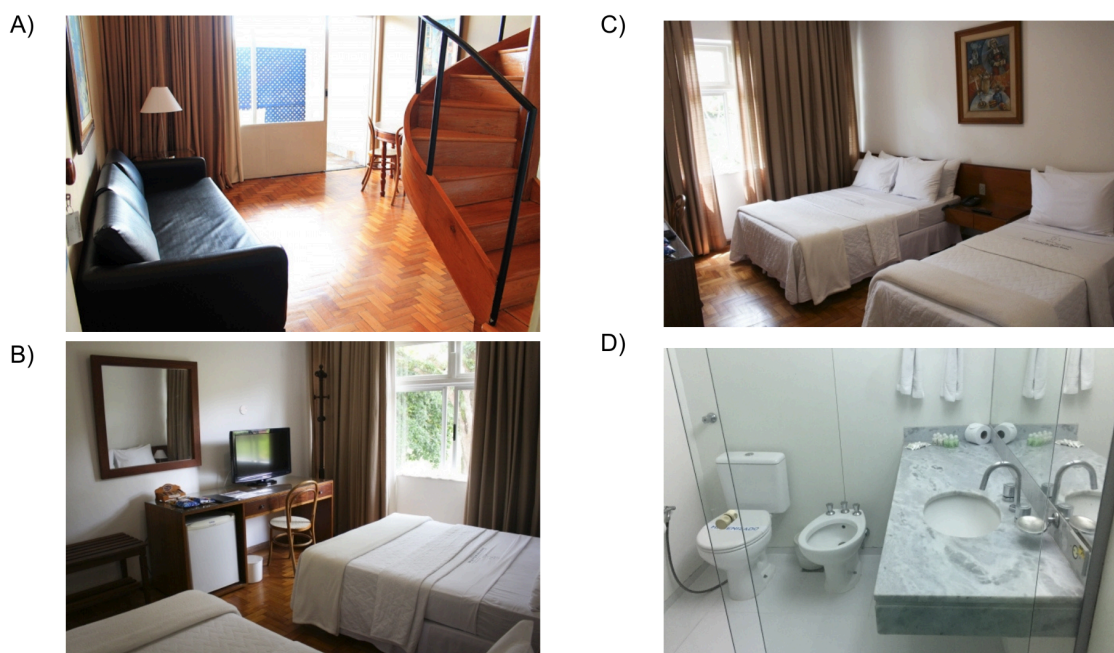


Fonte: Site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

Entre as tipologias existentes, destacam-se seis suítes com área aproximada de 38 m², classificadas como suítes nobres (FIG. 14). Essas unidades distinguem-se das demais tanto pelas dimensões quanto pela configuração arquitetônica do quarto e do banheiro, apresentando soluções espaciais específicas que reforçam seu caráter diferenciado. A organização interna contempla sala (FIG. 14 - A), dormitório (FIG. 14 - B e C) e banheiro (FIG. 14 - D), articulados de modo a

garantir funcionalidade e conforto. Além disso, as suítes dispõem de varanda com vista panorâmica para o centro histórico, elemento que qualifica a experiência espacial e estabelece relação privilegiada com a paisagem urbana.

Figura 14 – Suíte nobre.



Fonte: Site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

Outra tipologia de suíte, igualmente com área aproximada de 38 m², destaca-se pela presença de mezanino (FIG. 15 - C) implantado sobre a sala de estar (FIG. 15 - A e B), configurando uma organização espacial em dois níveis. O hotel dispõe de onze unidades com essa configuração, caracterizada pela integração vertical dos ambientes e pela valorização da espacialidade interna. Assim como nas demais suítes dessa metragem, essas unidades contam com varanda (FIG. 15 - C) com vista panorâmica para o centro histórico, estabelecendo relação direta com a paisagem e qualificando a experiência de permanência. A disposição dos ambientes contempla sala de estar com pé-direito ampliado, dormitório (FIG. 15 - D) e banheiro, organizados de modo a potencializar a funcionalidade e o conforto da tipologia (Grande Hotel de Ouro Preto, 2025).

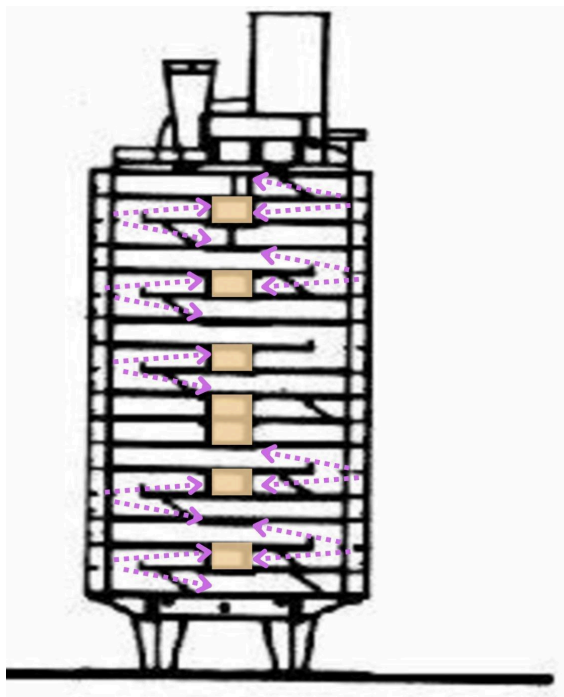
Figura 15 – Suíte luxo.

Fonte: Site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

A tipologia duplex adotada por Oscar Niemeyer apresenta significativa similaridade com a solução proposta por Le Corbusier para a Habitação (Unité d'Habitation) em Marselha (FIG 16), amplamente difundida no contexto da arquitetura moderna. Ainda que o projeto francês tenha sido construído posteriormente, entre 1947 e 1952, portanto alguns anos após a edificação do Hotel de Ouro Preto, a comparação evidencia um exercício projetual atento às inovações tipológicas voltadas à habitação coletiva. Observa-se, em ambos os casos, a adoção de corredor central (FIG. 17) como elemento estruturador da circulação, a partir do qual se distribuem lateralmente as unidades habitacionais.

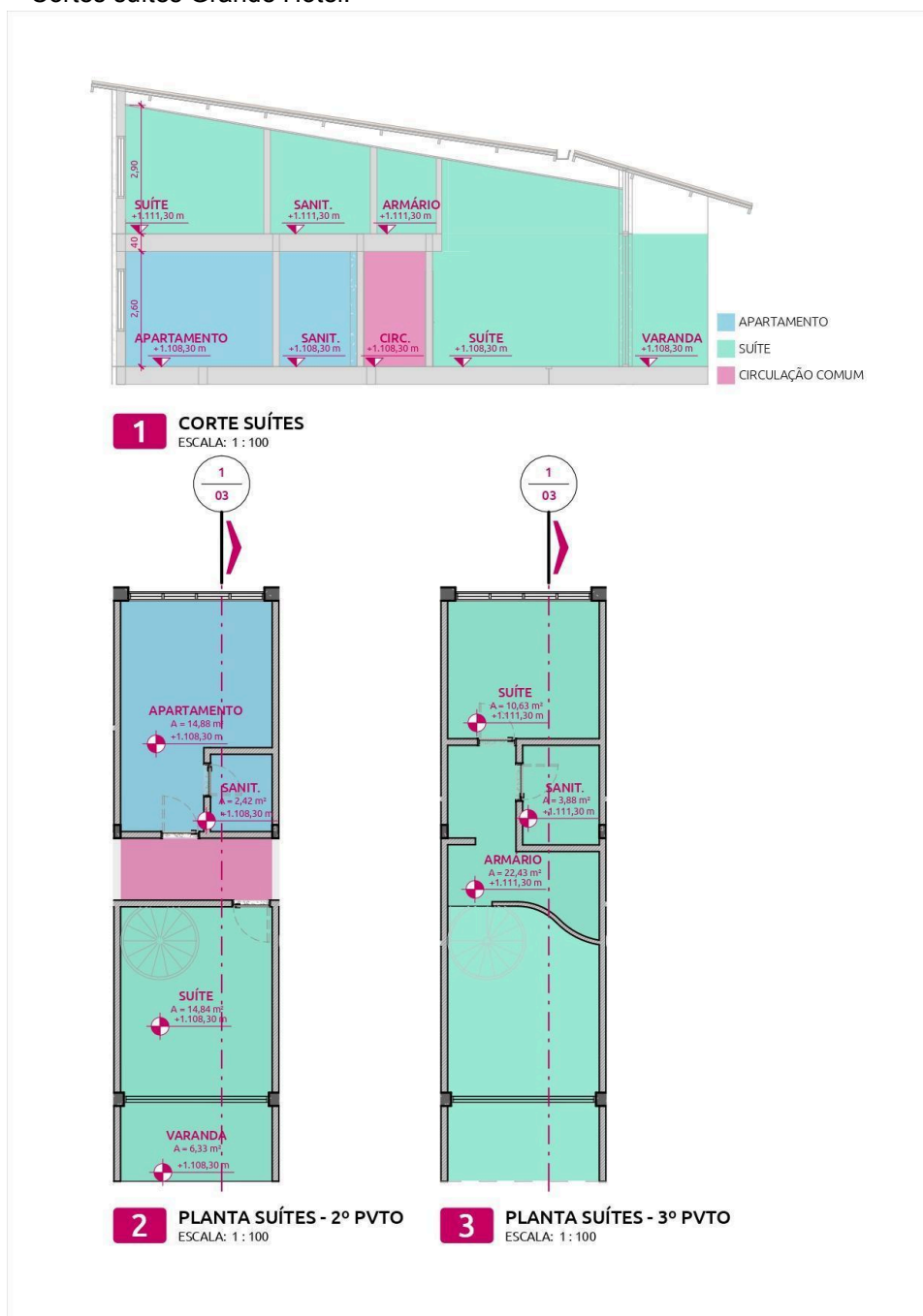
Do mesmo modo, verifica-se a organização em níveis sobrepostos, em que o pavimento inferior abriga a área social — com sala de estar — e o pavimento superior concentra os espaços mais privativos, frequentemente associados ao pé direito duplo, ampliando a sensação de espacialidade. Destaca-se ainda a presença de iluminação proveniente das duas fachadas no nível superior ao corredor, solução que qualifica as condições de ventilação e iluminação naturais. Essas convergências permitem compreender as trocas e interlocuções estabelecidas entre arquitetos vinculados ao movimento moderno, especialmente no que se refere aos debates sobre racionalização estrutural e busca por soluções econômicas diante das demandas habitacionais intensificadas no pós-Segunda Guerra Mundial.

Figura 16 – Corte dos lofts do Unité d'Habitation.



Fonte: arquitetura.weebly.com e modificado pela autora (2025).

Figura 17 – Cortes suítes Grande Hotel.

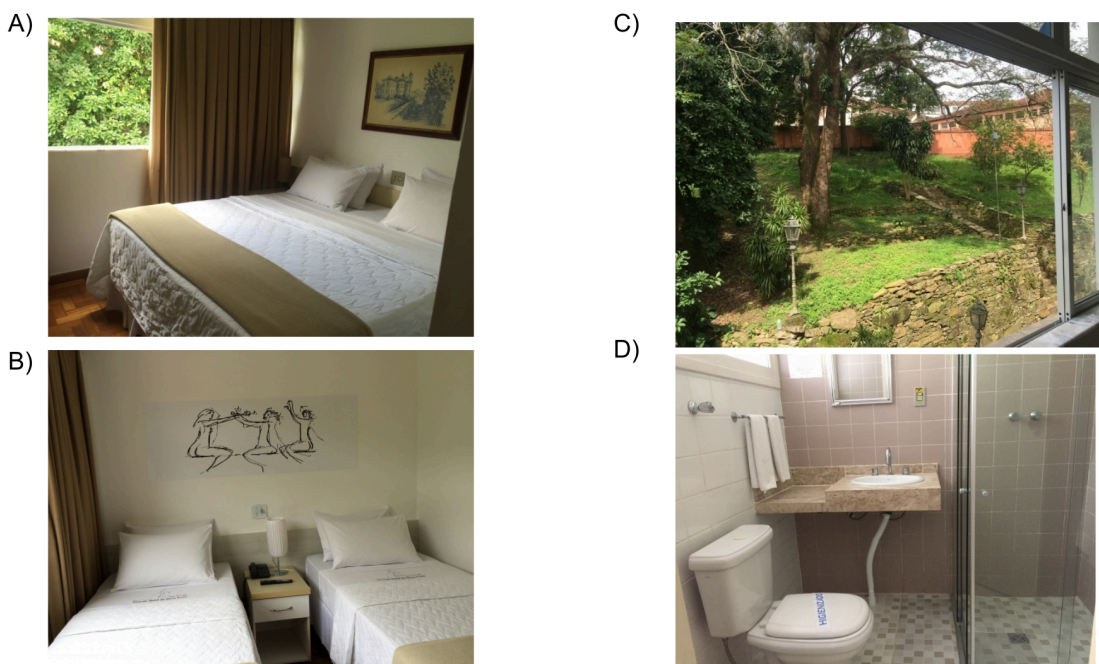


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O conjunto é composto por 17 unidades de apartamentos duplos (FIG. 18) e triplos (FIG. 19), cada um com área aproximada de $17,5 \text{ m}^2$, organizados de forma compacta em dormitório (FIG. 18 - A e B) e banheiro (FIG. 18 - D). Essas unidades apresentam configuração mais sintética em relação às suítes, atendendo a um programa funcional reduzido. Implantados na fachada norte do edifício, os

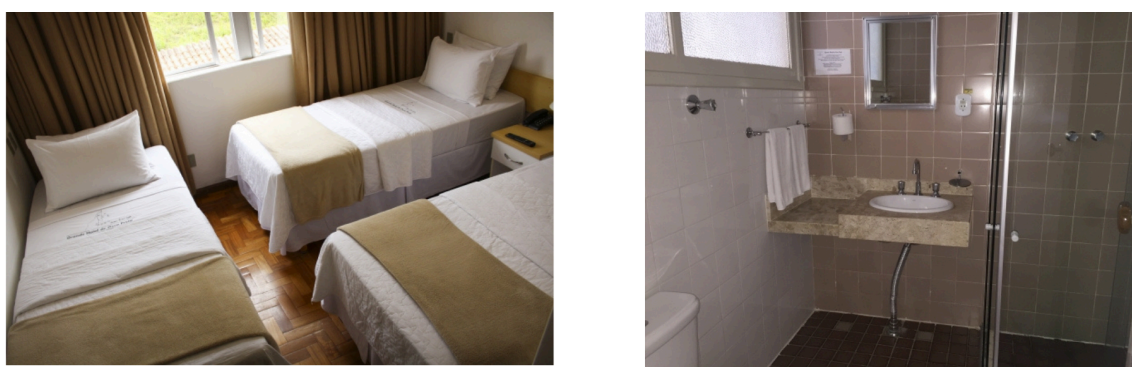
apartamentos possuem janelas voltadas para o talude do terreno e para o jardim (FIG. 18 - C) situado na porção posterior do hotel, estabelecendo relação mais restrita com a paisagem quando comparados às unidades voltadas para o centro histórico.

Figura 18 – Apartamento duplo.



Fonte: Site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

Figura 19 – Apartamento triplo.



Fonte: Site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

O Grande Hotel conta ainda com restaurante (FIG. 20 - A e B) implantado na fachada sul do edifício, orientado para a paisagem urbana de Ouro Preto, o que lhe confere vistas privilegiadas da cidade. O espaço é composto por salão interno

localizado no primeiro pavimento, com acesso a partir da recepção, além de varanda (FIG. 20 - C) situada em volume ressaltado na fachada sul, reforçando a relação entre interior e exterior e valorizando a ambiência do conjunto. O setor de apoio compreende a cozinha, originalmente instalada no pavimento térreo, mas atualmente transferida para o primeiro pavimento, adequando-se às demandas contemporâneas de funcionamento. O programa do restaurante inclui ainda a área destinada ao buffet de café da manhã (FIG. 20 - D), organizada de modo a garantir fluidez na circulação dos usuários e integração com o salão principal.

Figura 20 – Restaurante Oscar e varanda panorâmica.



Fonte: A autora e site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

No pavimento térreo localizam-se o estacionamento, composto por 9 vagas cobertas (FIG. 21 - B e C) e 20 vagas descobertas (FIG. 21 - A), além de área destinada a carga e descarga, garantindo suporte logístico ao funcionamento do hotel. Nesse mesmo nível encontram-se a área de lazer e o salão de festas, espaço destinado à realização de eventos privados (FIG. 22-23), com capacidade para até 550 pessoas, ampliando o programa funcional do edifício para além da hospedagem (Grande Hotel de Ouro Preto, 2025).

Figura 21 – Estacionamento.

Fonte: Site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

Figura 22 – Casamento na área de Pilotis.

Fonte: Site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

Figura 23 – Salão de festas.

Fonte: Site oficial do Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

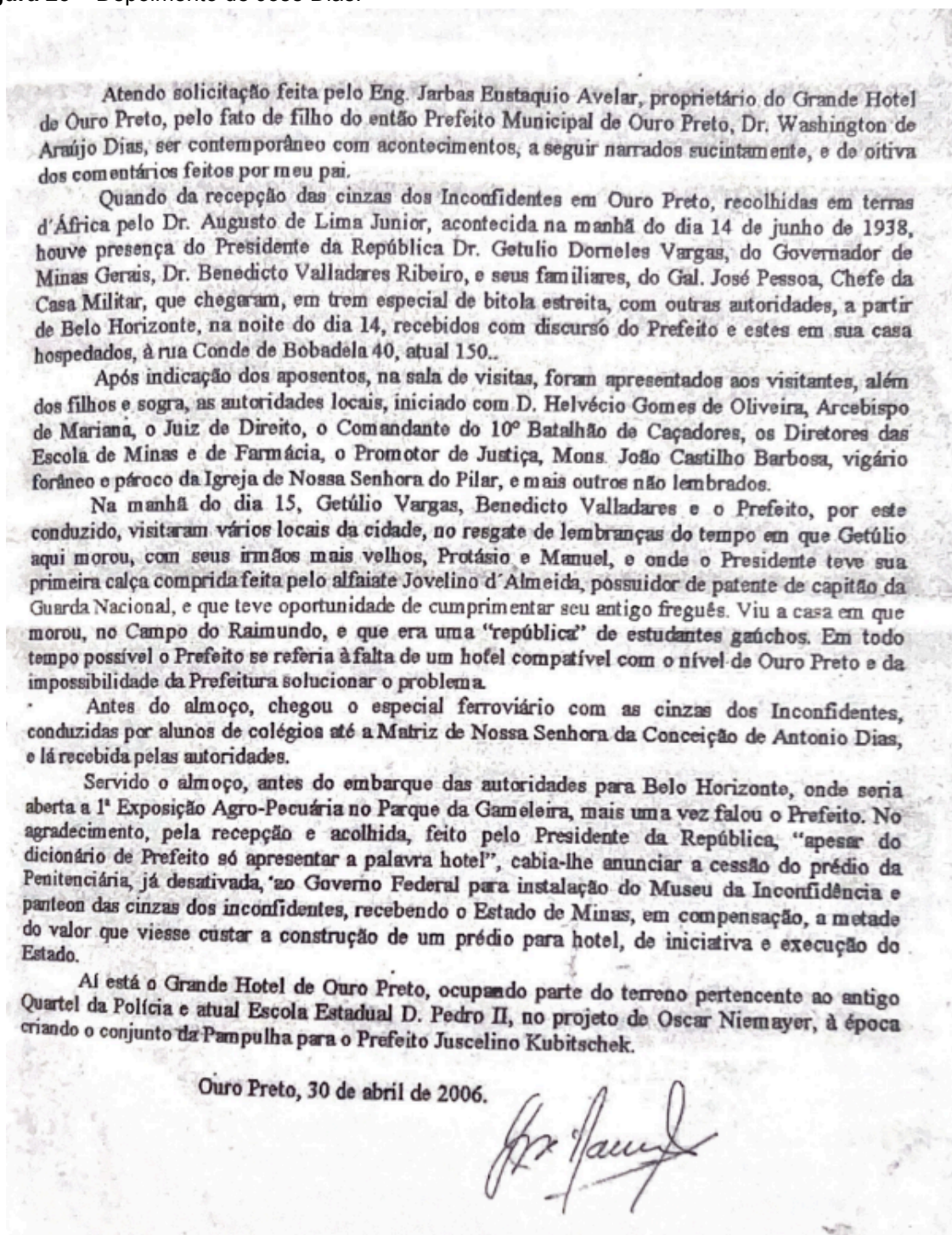
4.3 DEMANDAS E AGENTES ENVOLVIDOS NA CONSTRUÇÃO DO GRANDE HOTEL DE OURO PRETO: O CONTEXTO

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, Ouro Preto vivenciou um processo de ressignificação simbólica e identitária. Com a transferência da capital estadual para Belo Horizonte, a antiga sede da província mineira passou a ser reinterpretada como espaço de memória nacional, evocando os ideais da Independência e da República. Nesse contexto, sob a influência das concepções positivistas que permeavam o pensamento republicano, consolidou-se a imagem de Ouro Preto como depositária de um patrimônio histórico e artístico considerado autêntico e representativo da formação nacional. Tal valorização foi amplamente reconhecida e incorporada por intelectuais e artistas do período, contribuindo para a construção de uma narrativa que conferiu centralidade simbólica à cidade no cenário cultural brasileiro (Puppi, 1998).

No depoimento de José Dias (FIG. 25) destaca-se a reivindicação acerca da inexistência, em Ouro Preto, de um hotel compatível com a relevância histórica e simbólica da cidade, especialmente diante da presença de autoridades e personalidades de destaque, entre elas o Presidente da República. Em resposta à

solicitação, em 1938, a proposta de construção de um hotel turístico em Ouro Preto emergiu como iniciativa do então prefeito Washington Dias, encaminhada ao presidente Getúlio Vargas, com o objetivo de fomentar o potencial turístico da cidade (Comas, 2010).

Figura 25 – Depoimento de José Dias.



A iniciativa contou com o apoio de Rodrigo Mello Franco de Andrade, diretor do recém-fundado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). À época, o governo de Minas Gerais identificava na consolidação do turismo histórico uma estratégia para dinamizar a economia e fortalecer a dimensão cultural local. Já não sendo capital estadual, Ouro Preto apresentava infraestrutura hoteleira insuficiente para atender à demanda de visitantes interessados em seu patrimônio histórico e artístico, notadamente o acervo barroco. Nesse contexto, a demanda por um hotel moderno, funcional e compatível com a paisagem histórica foi formalmente encaminhada ao SPHAN pelo governo mineiro (Werkema,2025).

Integravam a equipe técnica do SPHAN, sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade, a secretária Judith Martins, e os arquitetos Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Carlos Leão, José de Souza Reis, Paulo Thedim Barreto, Renato Soeiro e Alcides da Rocha Miranda, além de Mário de Andrade como representante em São Paulo (Werkema,2025).

O terreno destinado à implantação do hotel (FIG. 26), cedido pelo governo estadual, integrava a área do antigo Quartel da Polícia, atual Escola Estadual Dom Pedro II, situado na Rua das Flores, via íngreme que conecta a Casa dos Contos ao antigo Palácio do Governador, hoje Escola de Minas. O financiamento da obra foi viabilizado por meio de acordo entre os governos federal e estadual: o estado anunciou a cessão do prédio da antiga e já desativada Penitenciária ao Governo Federal para a instalação do Museu da Inconfidência e, em contrapartida, o Governo Federal comprometeu-se a custear metade do valor da construção do hotel (Dias, 2006). A área destinada ao empreendimento, correspondente a uma encosta de aproximadamente 3.000 m² e caracterizada por topografia irregular, impôs desde o início desafios técnicos e projetuais significativos¹.

¹ No que diz respeito à infraestrutura de acolhimento, observa-se que, até o século XIX, as formas de hospitalidade em Ouro Preto seguiam modelos herdados do período colonial. As hospedagens disponíveis apresentavam condições precárias, como ilustrado em um relato de 1938, no qual Manuel Bandeira rememora a visita do reverendo Robert Walsh ao Brasil em 1828. Segundo o relato, o reverendo recusou-se a permanecer no alojamento que lhe foi destinado em Ouro Preto, referindo-se a ele como uma “hospedaria aos pedaços”, expressão que evidencia a rusticidade das acomodações disponíveis na época. (Bandeira, 1938)

Figura 26 – Terreno antes da construção.

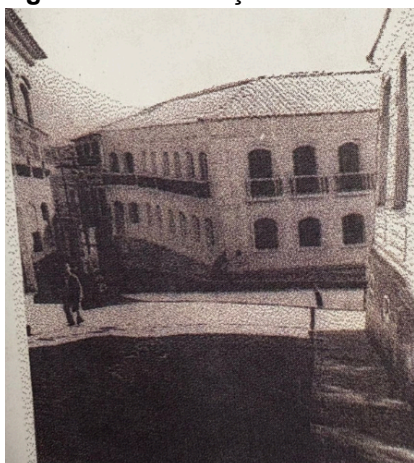


Fonte: Acervo Museu Paulista.

4.4 DESENVOLVIMENTO DOS PROJETOS DO GRANDE HOTEL

O processo projetual do Grande Hotel teve início em 1938, a partir da proposta elaborada por Carlos Leão, então assessor técnico do SPHAN, integrante da equipe responsável pelo projeto do Ministério da Educação e Saúde (MES) e sócio do escritório de Lúcio Costa. A primeira solução apresentada previa a adaptação de edifício pertencente à prefeitura, localizado na esquina da Praça Reinaldo Alves de Brito com a Rua Paraná, onde então funcionava o Fórum de Ouro Preto. A proposta mantinha as fachadas originais, preservando a volumetria existente, enquanto as intervenções concentravam-se principalmente na reorganização dos espaços internos e na área externa. Contudo, o projeto não foi aprovado, sob a justificativa de que a localização e as condições de acesso apresentavam limitações que comprometeriam o adequado funcionamento do empreendimento. A simulação dessa proposta (FIG. 27) evidencia como se daria a inserção do hotel na referida esquina, permitindo visualizar a solução inicialmente concebida para o edifício (Werkema, 2025).

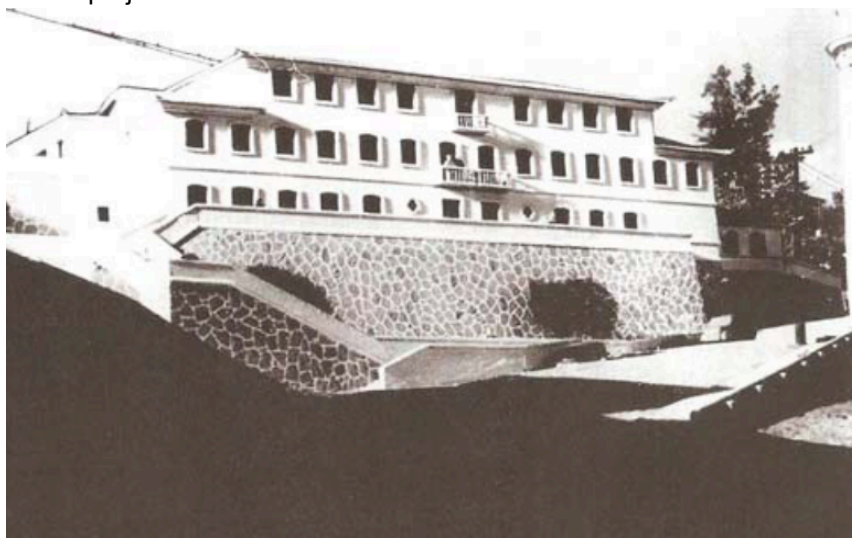
Figura 27 – Simulação de como ficaria o Hotel.



Fonte: Werkema (2025).

Após a não aprovação da proposta inicial, procedeu-se à busca de novo terreno para a implantação do empreendimento. A solução subsequente, já situada no lote atualmente ocupado pelo hotel, foi concebida com o propósito de promover maior integração visual com o conjunto urbano colonial de Ouro Preto. O projeto buscava minimizar contrastes com o entorno imediato, adotando referências tipológicas da arquitetura local. Tratava-se de edifício em linguagem neocolonial, executado em alvenaria de tijolos, organizado em torno de pátio retangular e assentado sobre embasamento de pedra. A proposta previa cobertura inclinada em duas águas, com telhas cerâmicas tipo capa e canal, além de vãos em arco abatido e tratamento das fachadas com revestimento pétreo no pavimento térreo e superfícies caiadas nos níveis superiores. Elaborada por Carlos Leão (FIG. 28-29), a solução adaptava-se à topografia acidentada do terreno por meio de aterros e muros de arrimo, estratégias empregadas para viabilizar a implantação da edificação na encosta (Werkema,2025).

Figura 28 – Fachada projeto Carlos Leão.



Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

Figura 29 – Inserção projeto Carlos Leão - vista 1.



Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

Em um primeiro momento, Rodrigo Melo Franco de Andrade manifestou satisfação com a solução apresentada por Carlos Leão. Em carta datada de 29 de agosto de 1938, enviada ao prefeito de Ouro Preto, o diretor do SPHAN afirmou que o anteprojeto havia sido elaborado considerando não apenas as condições específicas do terreno, mas também, de modo particular, a necessidade de que o novo edifício não estabelecesse contraste com a arquitetura característica da cidade (Cavalcanti, 2006).

Posteriormente, em 5 de dezembro do mesmo ano, o então prefeito Washington de Araújo Dias, demonstrando entusiasmo com a proposta, solicitou ao diretor do SPHAN que o Governo Federal liberasse recursos para a execução do plano concebido por Carlos Leão (FIG. 30), destacando que o projeto havia igualmente agradado ao governador Benedito Valadares (Cavalcanti, 2006).

Entretanto, a proposta enfrentava duas questões centrais. A primeira dizia respeito à escala do edifício, considerada desproporcional em relação às construções vizinhas. A segunda, mais sensível no âmbito do debate arquitetônico daquele período, relacionava-se ao risco de a solução ser interpretada como uma concessão à corrente neocolonial. Conforme observa Cavalcanti (2006), ao tomar conhecimento do projeto, Lúcio Costa identificou a inconveniência de uma solução que poderia ser compreendida como um recuo ou mesmo uma capitulação frente às posições defendidas pelos adeptos do neocolonial.

Figura 30 – Inserção projeto Carlos Leão - vista 2.



Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

À época, Lúcio Costa encontrava-se em Nova York colaborando com Oscar Niemeyer no desenvolvimento do projeto do Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Nova York de 1939. Durante esse período, Costa manifestou, em correspondência dirigida a Rodrigo Melo Franco de Andrade, suas preocupações em relação à proposta então existente para o hotel. Pouco tempo depois, Niemeyer

retornou ao Brasil e foi incumbido por Rodrigo Melo Franco de desenvolver novos estudos para o empreendimento (Werkema,2025).

Uma carta enviada pelo prefeito de Ouro Preto, datada de 12 de janeiro de 1939, na qual se desculpa por não ter conseguido receber o técnico encaminhado pelo SPHAN, registra a passagem do “dr. Niemeyer” pela cidade (Cavalcanti, 2006). Essa visita revelou-se fundamental para que o arquiteto pudesse compreender de maneira mais aprofundada as especificidades do local e os desafios relacionados à implantação da nova edificação.

A escolha de Niemeyer para desenvolver novos estudos possivelmente relaciona-se também à sua proximidade profissional com Lúcio Costa, que desde cedo reconheceu em seu colaborador grande dedicação ao trabalho e forte afinidade com os princípios da arquitetura moderna, fato evidenciado pelo próprio interesse de Niemeyer em integrar o escritório de Costa. Cabe lembrar, ainda, que ambos já haviam trabalhado conjuntamente alguns anos antes no projeto do Ministério da Educação e Saúde.

Nesse contexto, a crítica formulada por Lúcio Costa(Costa, apud Motta, 1987, p. 110) revelou-se decisiva e essa avaliação estabelecia importantes considerações sobre os rumos que o projeto deveria assumir, destacando que

(...) a reprodução do estilo das casas de Ouro Preto só é possível, hoje em dia, à custa de muito artifício. Admitindo-se que o caso especial dessa cidade justificasse, excepcionalmente, a adoção de tais processos, teríamos, depois de concluída a obra, ou uma imitação perfeita e o turista desprevenido correria o risco de, à primeira vista, tomar por um dos principais monumentos da cidade uma contrafação, então, fracassada a tentativa, teríamos um arremedo ‘neo-colonial’ sem nada de comum com o verdadeiro espírito das velhas construções.

Em suas considerações, Costa (1987, p.110) defende que uma obra de arte moderna, como a proposta por Oscar Niemeyer, não necessariamente entraria em conflito com o conjunto colonial, mesmo pertencendo a linguagens arquitetônicas distintas, pois “a boa arquitetura de um determinado período vai sempre bem com a de qualquer período anterior, o que não combina com coisa alguma é a falta de arquitetura”. Em contraposição, o pastiche era considerado uma solução problemática e “intolerável porque ao mesmo tempo corrompe e consome a identidade do passado e do presente” .

O primeiro projeto desenvolvido por Niemeyer² apresentava um volume único e alongado, implantado paralelamente às curvas de nível do terreno e elevado sobre pilotis. O edifício contava com uma laje plana revestida por vegetação, concebida de modo a se mimetizar com a vegetação vista da estrada de acesso a Ouro Preto. Essa proposta afastava-se deliberadamente dos elementos formais coloniais, afirmando-se como uma construção moderna tanto do ponto de vista técnico quanto da linguagem arquitetônica e da estratégia de implantação. O arquiteto justifica que a adoção de métodos construtivos contemporâneos não tinha como objetivo reproduzir edificações históricas, mas sim conceber um hotel que, em sua “simplicidade e despretensão, se destacasse o menos possível na paisagem ouro-pretana” (Cavalcanti, 2006).

Lúcio Costa (2001,p.138), mesmo nos EUA, questionou o terraço-jardim (FIG. 31) de Niemeyer. Embora reconhecesse “a pureza desta solução” e seu mimetismo quando visto do alto, acreditava que a utilização da cobertura em telhas se “enquadraria melhor no conjunto da cidade”.

Escrevera uma carta a Rodrigo, na qual declarava que, apesar de não desejar interferir no assunto, por razões particulares, reprovava, entretanto, a solução do terraço-jardim e recomendava, expressamente, a adoção da cobertura de telhas que deveria, a seu ver, atingir a área dos pequenos terraços dos apartamentos, com treliças de madeira na fachada. E aí houve um mal-entendido. Oscar havia mandado pregar fotografias da maquete de sua primeira solução em um pequeno biombo, que enviou à sala de Rodrigo. Este, ao recebê-lo, pensou que as fotografias do biombo representavam uma rebeldia de Oscar à ideia do Lucio, que ele, Rodrigo, já lhe havia transmitido. Na verdade, isto não procedia, apenas as imagens da maquete eram anteriores à deliberação do diretor e não houve má-fé no ocorrido mas apenas um simples descuido, logo sanado com a devolução dos painéis ao arquiteto. (Depoimento de José de Souza Reis; Arquivo Iphan, s/d, p. 138)

² Niemeyer posteriormente em seu livro *As curvas do tempo*, de 1998, descreveu sua ida a Ouro Preto. “Lembro-me da primeira viagem que fizemos a Ouro Preto, eu e Rodrigo, junto à Igreja de São Francisco (sic), a olhar o local onde seria construído o novo hotel.” ³ Em entrevista concedida à *mdc*. revista de arquitetura e urbanismo, Maria Elisa Costa, filha de Lúcio Costa, conta que a conexão entre o pai e Niemeyer remonta desde o início da década de 30, quando o jovem arquiteto se ofereceu para trabalhar com ele em seu escritório.

Figura 31 – Proposta com terraço jardim.



Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

Niemeyer elaborou, então, um novo estudo, incorporando as alterações sugeridas por Lúcio Costa e por Rodrigo, após o prefeito exigir algumas modificações. A harmonia com as antigas construções foi justificada com base na semelhança entre as estruturas tradicionais em pau-a-pique e as modernas em concreto armado, conforme se vê abaixo. Entende-se que tal semelhança se deve à característica de independência entre estrutura e vedação presente tanto nas técnicas coloniais em enxaimel (muito utilizadas em Minas Gerais) quanto nas estruturas modernas de concreto armado ou metálicas (Werkema,2025).

(...) em casos assim tão especiais, e dadas as semelhanças tantas vezes observadas entre a técnica moderna – metálica ou de concreto armado – e a tradicional de “pau-a-pique”, não seria possível de se encontrar uma solução que, conservando integralmente o partido adotado e respeitando a verdade construtiva atual e os princípios da boa arquitetura, se ajustasse melhor ao quadro e, sem pretender de forma nenhuma reproduzir as velhas construções nem se confundir com elas, acentuasse menos ao vivo o contraste entre passado e presente, procurando, apesar do tamanho, aparecer o menos possível, não contar, melhor ainda, não dizer nada (Costa apud Martins, 1987, p. 108).

Inicialmente, houve uma adesão geral, com exceção de Carlos Leão e Paulo Thedim Barreto, à preocupação levantada por Lúcio Costa de que o projeto de Leão poderia ser interpretado como uma capitulação em favor da corrente

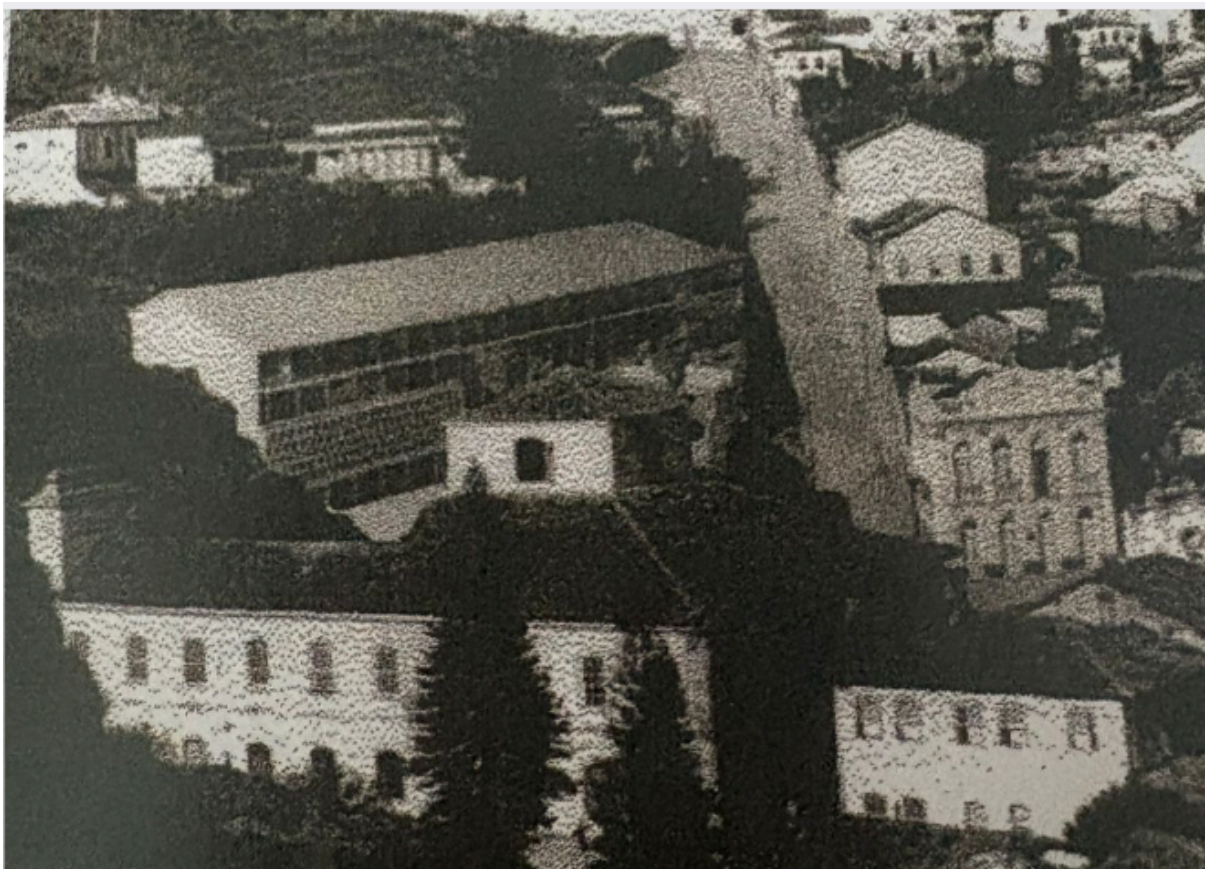
neocolonial. José de Souza Reis, em seu depoimento, expressou o dilema de se opor ao projeto de um colega que o havia introduzido no SPHAN, mas reconheceu que Leão, nesse caso, parecia mais empenhado em atender às expectativas de Rodrigo do que em afirmar sua própria modernidade, o que era considerado uma “falha” grave pelos modernistas. Em um segundo momento, superada a hipótese neocolonial, os arquitetos passaram a se dividir em duas vertentes: de um lado, os que defendiam a adaptação de edifícios antigos (Renato Soeiro, com apoio de Thedim Barreto); de outro, os que apoiavam uma das soluções modernas propostas por Niemeyer (Lúcio Costa, Souza Reis e Rocha Miranda, além do próprio Niemeyer). Carlos Leão, após as fortes críticas dirigidas à sua proposta, afastou-se das discussões (Werkema,2025).

A questão precisou ser levada ao ministro Capanema, pois tanto o prefeito Washington Dias quanto o governador Benedicto Valladares já haviam sido mobilizados em torno do projeto de Leão. Curiosamente, o prefeito tornou-se um aliado inesperado da proposta de Niemeyer. Embora preferisse a solução neocolonial, desaprovava ainda mais as alternativas do SPHAN de reaproveitar fachadas antigas ou de construir um projeto moderno fora dos limites da cidade (Werkema,2025).

Decidiu-se, portanto, seguir em frente com o projeto de Niemeyer. A execução ocorreu entre os anos de 1940 e 1943, período em que o SPHAN consolidava sua atuação técnica e normativa junto aos órgãos públicos. A obra foi financiada com recursos públicos, principalmente oriundos do governo do estado de Minas Gerais, com articulação institucional entre a prefeitura de Ouro Preto, o Ministério da Educação e o próprio SPHAN. A construtora responsável foi a firma Tenreiro Aranha, que realizou a execução sob supervisão técnica da equipe do patrimônio, garantindo conformidade com o projeto aprovado e com os princípios defendidos por Lúcio Costa e Rodrigo Melo Franco de Andrade (Werkema,2025).

Mesmo após a aprovação da proposta de Niemeyer, foram realizadas modificações no projeto a fim de incorporar algumas sugestões de Lúcio Costa, sobretudo relacionadas à adaptação da volumetria, principalmente da cobertura. Assim, a laje inicialmente prevista foi substituída (FIG. 32), em um primeiro momento, por tesouras de madeira que sustentavam um telhado de duas águas (Werkema,2025).

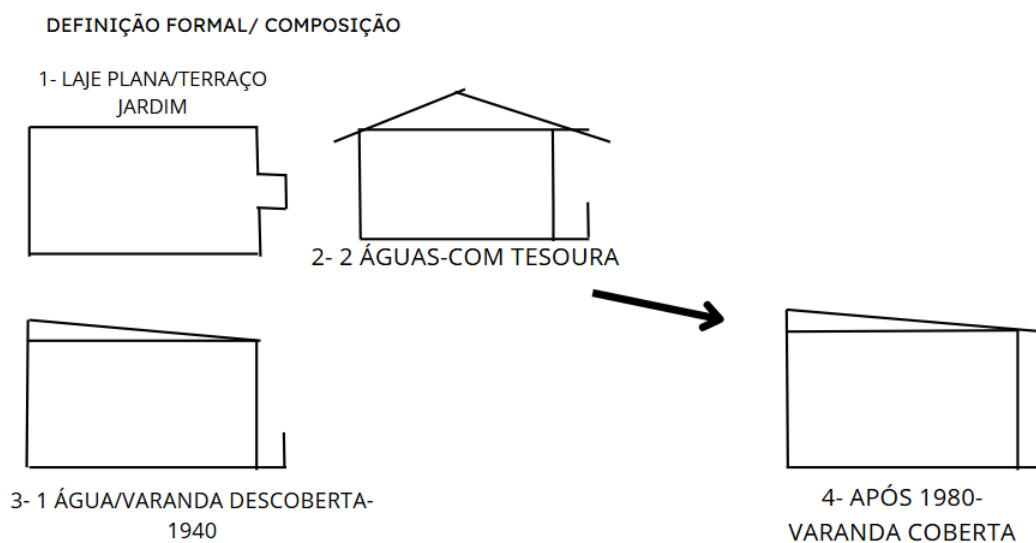
Figura 32 – Vista aérea do Grande Hotel de Ouro Preto.



Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

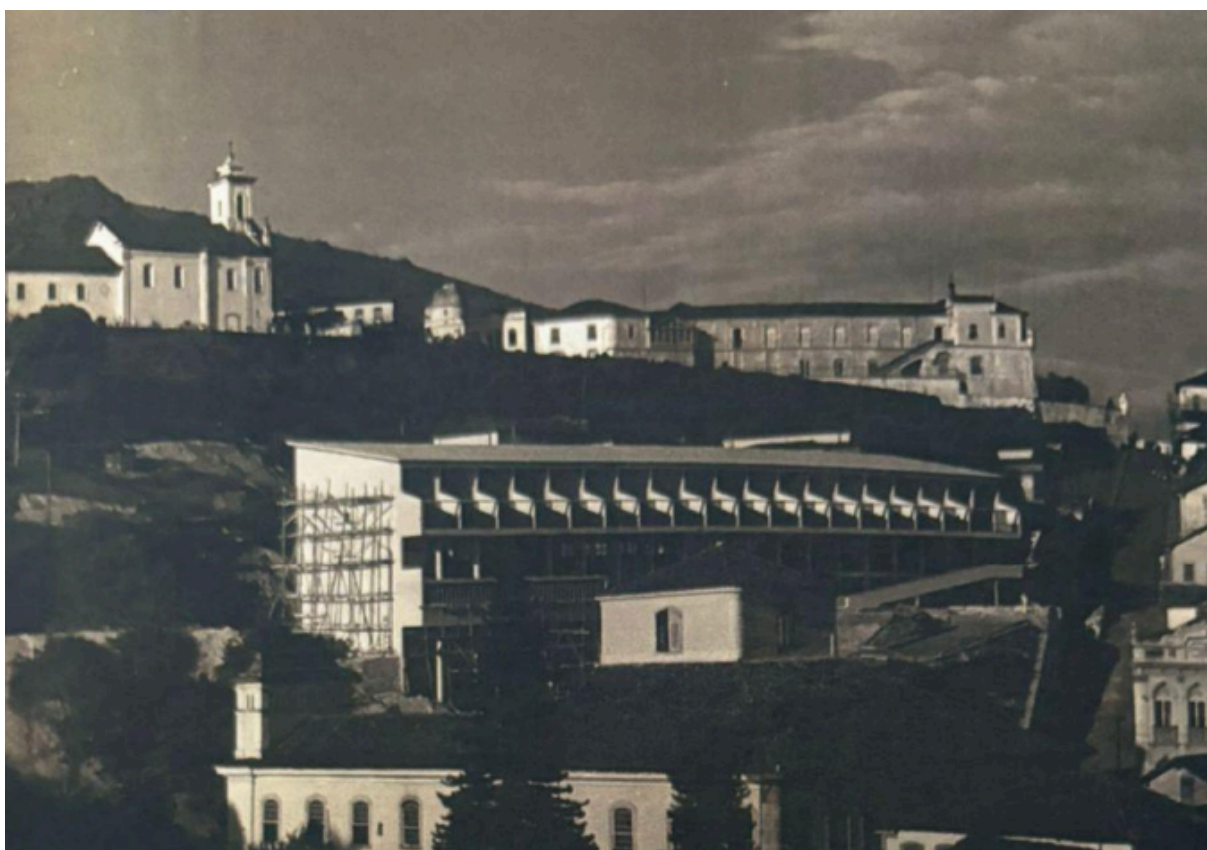
Em seguida, o projeto aprovado passou a apresentar a solução de um telhado sem tesouras (FIG. 33), com cobertura em apenas uma água, apoiada diretamente sobre a estrutura em alvenaria. Nessa proposta inicial, as varandas eram descobertas (FIG. 34), o que acentuava a volumetria dos segundo e terceiro pavimentos (Werkema,2025).

Figura 33 – Esquema de modificações das propostas.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 34 – Construção do Grande Hotel.



Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

É possível afirmar que a construção do hotel em Ouro Preto contribuiu para impulsionar a carreira de Oscar Niemeyer, especialmente em um momento em que a cidade ganhava grande destaque no cenário cultural e político nacional. Recomendado por Rodrigo Melo Franco de Andrade a Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte, Niemeyer acabou se afastando do SPHAN e abrindo seu próprio escritório para desenvolver os projetos do conjunto da Pampulha, marco que consolida sua trajetória profissional. Nesse contexto, pode-se compreender que os discursos arquitetônicos, assim como outros tipos de discurso, não se constituem de forma isolada, mas se formam em relação uns com os outros (Brandão, 1994).

A inserção da arquitetura moderna, nesse caso, não buscava anular o colonial, mas reafirmar sua especificidade por meio do contraste, de modo que a contraposição entre os dois períodos evidenciasse a temporalidade própria de cada um. O novo ressaltaria o antigo, e vice-versa. Entretanto, essa tese, frequentemente utilizada para defender a proposta de Niemeyer como menos intervencionista e mais respeitosa aos valores históricos, parece também refletir uma escolha geracional que privilegiava a arquitetura moderna em relação à colonial. Sabe-se que, em outras situações na própria cidade de Ouro Preto, os mesmos agentes responsáveis pelas políticas de preservação acabaram excluindo, em processos de restauração, outros períodos de intervenção no tecido histórico, como a arquitetura eclética (Werkema, 2025).

Além disso, observa-se que construções realizadas posteriormente no centro histórico da cidade não seguiram necessariamente o princípio de contraste defendido por Costa. Muitas delas foram executadas sob exigências do SPHAN, resultando em edificações “ao estilo colonial”, solução bastante próxima da proposta anteriormente elaborada por Carlos Leão. A própria noção de “boa arquitetura” como parâmetro de avaliação revela-se excessivamente subjetiva, criando impasses para a atuação do órgão responsável pela regulação e preservação do patrimônio histórico. Nesse contexto, debates públicos também refletiam essa tensão entre tradição e modernidade, como evidencia a matéria publicada no jornal *A Noite* (FIG. 35), na qual Cândido Portinari manifesta sua opinião sobre a construção do Grande Hotel de Ouro Preto, defendendo que, caso a obra fosse realizada, deveria adotar a arquitetura de seu tempo e aproveitar os avanços técnicos e científicos contemporâneos. Tal posicionamento reforça a ideia de que a arquitetura considerada antiga também foi, em seu momento, uma produção moderna, por

vezes até “excessivamente” moderna. Assim, o principal legado desse episódio parece residir justamente na experimentação e na abertura de um debate que permanece atual nas discussões sobre preservação e intervenção em contextos históricos.

Figura 35 – Matéria do jornal A Noite.



Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

Cabe lembrar que, já na década de 1930, Ouro Preto encontrava-se submetida a um regime de tutela patrimonial que reconhecia o conjunto urbano como um monumento histórico não intencional. Não se tratava, portanto, de um memorial concebido deliberadamente para fins comemorativos, mas de uma cidade cuja significação histórica e artística foi sendo progressivamente construída pela sociedade moderna. Esse enquadramento institucional condicionou as escolhas do SPHAN, que se viu diante do desafio de compatibilizar, em um mesmo sítio, o valor histórico do tecido colonial e a necessidade de implantação de um equipamento contemporâneo destinado à hospedagem (Werkema, 2025).

Nesse sentido, o hotel deveria atender às demandas práticas de turismo e acomodação, respondendo a necessidades presentes sem comprometer a legibilidade histórica do conjunto urbano. A passagem do projeto de Carlos Leão

para a solução final de Oscar Niemeyer evidencia, portanto, um processo de arbitragem entre diferentes valores patrimoniais. A alternativa mimética, que aproximava a nova construção do repertório formal colonial, ampliaria o valor de novidade apenas na aparência, isto é, produziria uma arquitetura que se apresentaria “como se antiga fosse”. Tal solução tensionaria o estatuto de autenticidade do conjunto e poderia confundir os diferentes planos de leitura histórica. A opção pela arquitetura moderna, por sua vez, assumia a diferença temporal como um dado inevitável, buscando estabelecer uma relação de equilíbrio com o contexto por meio da implantação, da escala e de referências materiais pontuais (Werkema, 2025).

O Grande Hotel, portanto, não foi concebido como monumento intencional, tampouco possuía inicialmente valor histórico consolidado. Inseriu-se na paisagem urbana como um objeto contemporâneo, orientado sobretudo por valores de uso e por um valor artístico relativo ao seu tempo. Ainda assim, observa-se que sua aprovação esteve condicionada à incorporação de determinados ajustes formais capazes de estabelecer diálogo com o entorno histórico. Elementos como a cobertura inclinada com telhas cerâmicas, o uso de alvenaria caiada, a presença de pedra aparente e uma lógica de aberturas que dialoga com sensibilidades locais contribuíram para atenuar o contraste visual, configurando um compromisso entre o valor artístico relativo da nova arquitetura e o valor de antiguidade do conjunto colonial (Werkema, 2025).

Do ponto de vista compositivo, o recurso volumétrico adotado por Niemeyer é particularmente significativo. O arquiteto projeta o segundo pavimento em balanço, por meio de varandas que avançam em relação aos níveis inferiores, criando um recuo no térreo e no primeiro pavimento. Como resultado, o volume superior torna-se o elemento mais perceptível da composição. Esse pavimento (FIG. 36) é marcado por uma sequência de muxarabis modulados segundo proporções que evocam as janelas da arquitetura colonial, constituindo um plano predominantemente branco, nas superfícies de parede, e azul, nos elementos vazados. Além de conferir ritmo à fachada, essa sequência de treliças oculta as amplas aberturas dos apartamentos, filtrando a relação entre interior e exterior. Simultaneamente, o recuo dos pavimentos inferiores cria um segundo plano sombreado, reforçando a percepção de suspensão do volume superior. Essa leitura é ainda acentuada pelo tratamento cromático originalmente adotado, com pilares,

vigas e alguns planos murários em tons de marrom e pela presença de paredes em pedra nos níveis inferiores. Cabe observar que parte desses recursos foi alterada na reforma realizada na década de 1980, quando esses elementos passaram a receber pintura branca, modificando parcialmente a leitura cromática inicial da edificação.

Figura 36 – Fachada do Grande Hotel.



Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

A execução do Grande Hotel ocorreu entre os anos de 1940 e 1943 e, logo após sua inauguração, o estabelecimento passou a ser administrado pelo Governo do Estado de Minas Gerais. Durante cerca de quatro décadas de gestão pública, a edificação recebeu pouca atenção quanto à manutenção sistemática, o que contribuiu para que, ao longo do tempo, seu estado de conservação se deteriorasse, tornando-se particularmente preocupante na década de 1980 (Werkema, 2025).

Em 1989, o hotel foi privatizado e, sob nova administração, Oscar Niemeyer foi convidado a desenvolver uma proposta de reforma geral do edifício, realizada entre 1989 e 1990. A condução direta da obra ficou sob responsabilidade da arquiteta Maria Amélia Mello³, indicada por Niemeyer, que permaneceu por quase dois anos hospedada nas dependências do próprio hotel a fim de acompanhar e administrar de perto todas as etapas da intervenção (Werkema, 2025).

³ A arquiteta Maria Amélia de Mello Galvão (CAU 0000A78697) foi uma figura muito importante para a história da reforma do Grande Hotel Ouro Preto, a partir da sua privatização. Ela foi designada, diretamente pelo arquiteto Oscar Niemeyer para acompanhar de perto a obra de reforma. Ela morou por dois anos nas dependências do hotel para participar ativamente de todo o processo. Maria Amélia se graduou em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília- UnB (1982), tendo trabalhado para O MEC(Fundo Nacional de desenvolvimento da educação), Ministério da Cultura, Mello Escarlante- Arquitetos Associados S/C Ltda, e trabalhou como autônoma para o Oscar Niemeyer e o Grande Hotel Ouro Preto, onde executou também o protótipo da suíte-modelo com ampliação do banheiro e o novo layout para o quarto e sala, recuperação e restauração do espaço do pilotis, salão do restaurante e recepção, dentre outros.

4.5 PROCESSO DE PRODUÇÃO DO PROJETO ESCOLHIDO

4.5.1 Implantação

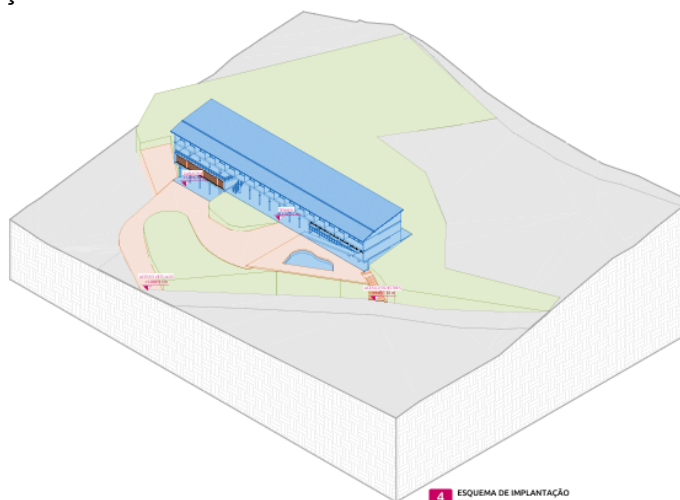
Não há registros conclusivos que expliquem as motivações precisas para a implantação do edifício do hotel. Ainda assim, alguns indícios permitem levantar hipóteses interpretativas. Observa-se, por exemplo, que o edifício foi implantado de forma aproximadamente perpendicular à Casa dos Contos, importante monumento histórico situado no centro de Ouro Preto, o que sugere a possível intenção de estabelecer uma linha de perspectiva voltada para esse marco urbano. A orientação das fachadas segue o eixo noroeste–sudeste, sendo a fachada principal voltada para noroeste. Essa implantação (FIG. 37-38) estabelece um ângulo aproximado de 30 graus em relação à Rua Senador Rocha Lagoa, solução semelhante à adotada na implantação da Escola Estadual Dom Pedro II. Tal disposição resulta na formação de uma área frontal ajardinada, que, além de contribuir para a composição espacial do conjunto, favorece também a acessibilidade de veículos por meio da criação de uma rampa de acesso ao edifício .

Figura 37 – Implantação do Grande Hotel destacado em vermelho.



Fonte: Google Earth (2025).

Figura 38 – Implantação atual do terreno.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Para a adaptação do edifício à topografia do terreno, foram criados diferentes patamares (FIG. 39), estruturados por meio de muros de arrimo executados em pedra seca, técnica construtiva amplamente empregada na cidade de Ouro Preto. Essa solução permitiu acomodar o edifício à inclinação natural da encosta, reduzindo intervenções mais agressivas no relevo e dialogando com práticas construtivas tradicionais presentes no contexto urbano local (Werkema, 2025).

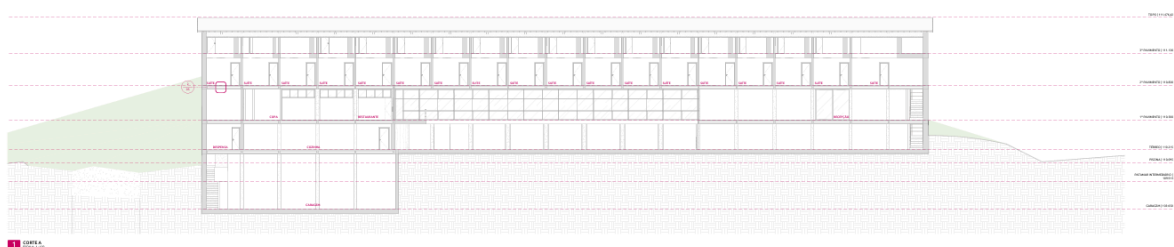
Figura 39 – Implantação atual do terreno.



Fonte: Elaborado pela autora e Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

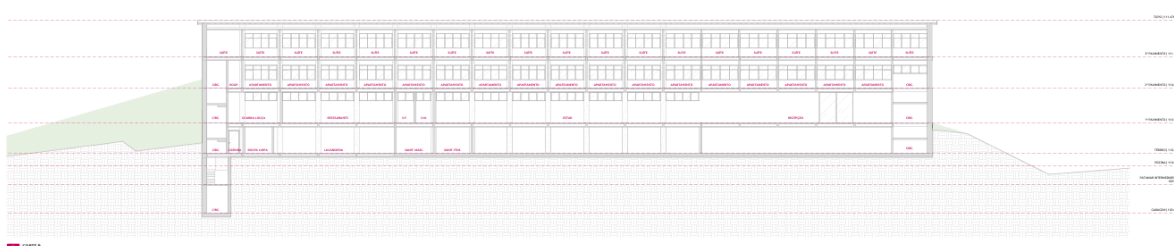
Sabe-se que essa técnica foi amplamente empregada ao longo de muitos anos na infraestrutura urbana da cidade. Atualmente, reconhece-se que as tecnologias e os conhecimentos envolvidos em sua execução estão associados a uma tradição construtiva desenvolvida a partir de práticas vinculadas à atividade mineradora, especialmente na construção de mundéus, estruturas utilizadas no processo de extração do ouro (FIG. 40-41). Estudos indicam que esse saber construtivo possui forte influência de conhecimentos de origem africana, incorporados à cultura técnica local e amplamente difundidos no município. Nesse contexto, compreende-se que a mão de obra especializada na execução de muros de arrimo (FIG. 42) em pedra sempre foi relativamente abundante em Ouro Preto, devido à permanência e transmissão desse saber-fazer ao longo do tempo .

Figura 40 – Corte longitudinal esquemático.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 41 – Corte longitudinal esquemático.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 42 - Muros de arrimo em pedra seca e passarela do Grande Hotel.

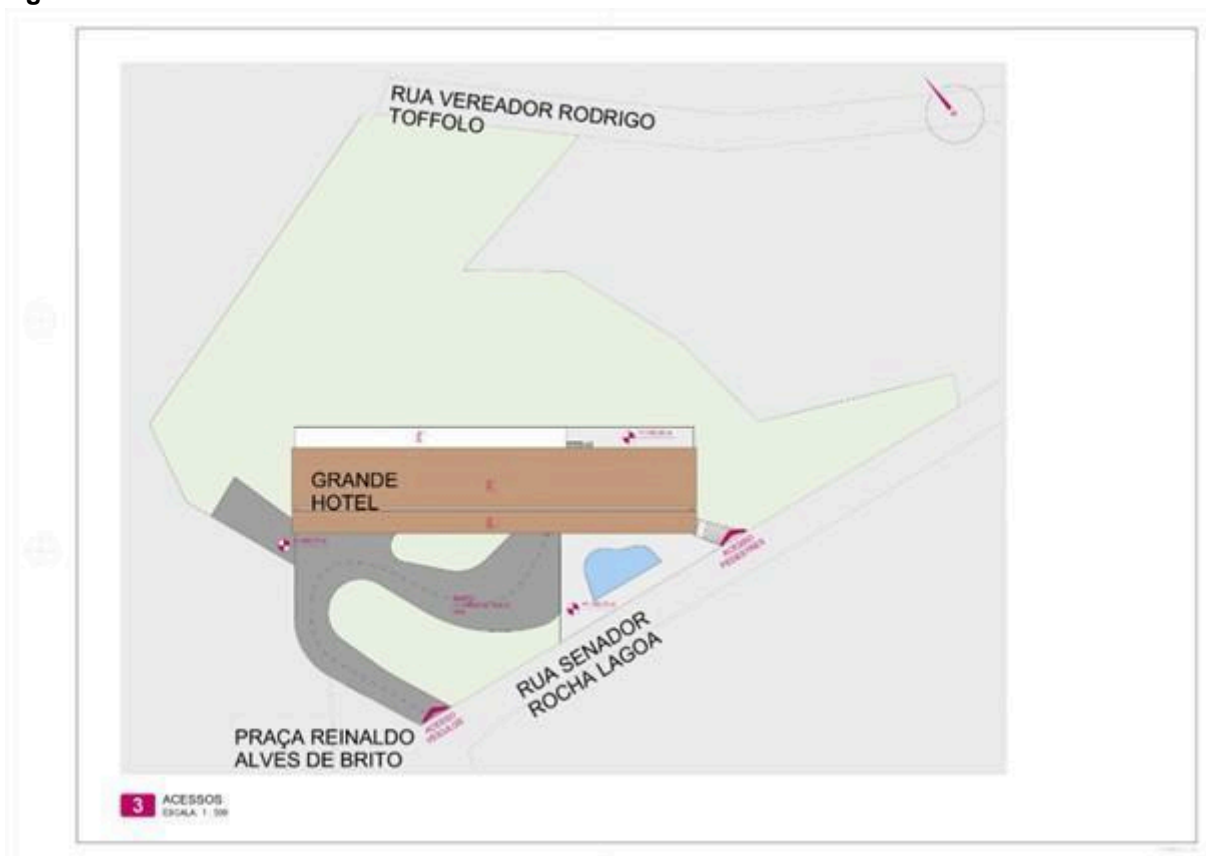


Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

4.6 ACESSOS

Os principais acessos ao edifício (FIG. 43) localizam-se na Rua Senador Rocha Lagoa, sendo constituídos por uma escada destinada à circulação de pedestres e por uma rampa voltada ao acesso de veículos. Esses elementos organizam a chegada ao hotel e estabelecem a conexão entre o nível da via pública e os diferentes patamares do terreno onde a edificação se implanta .

Figura 43 – Acessos ao Grande Hotel.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A Lei nº 10.098/2000, foi a primeira legislação brasileira a estabelecer diretrizes gerais para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Contudo, já na década de 1980, Oscar Niemeyer demonstrava preocupação com essa temática em suas propostas de intervenção no Grande Hotel. No projeto de ampliação e reforma elaborado por ele, os acessos foram aprimorados por meio da introdução de rampas e elevadores no nível térreo,

soluções que buscavam facilitar a circulação entre os diferentes pavimentos e adequar o edifício a uma lógica de uso mais inclusiva .

No primeiro projeto do Grande Hotel de Ouro Preto (1944) a circulação vertical era exclusivamente por escadas e uma rampa na entrada principal que levava à recepção, mas ainda com inclinação muito distante das exigidas hoje. Interessante notar que no projeto de reforma do hotel e ampliação, proposto na década de 1980 (FIG. 44) pelo próprio Niemeyer, alguns meios foram propostos para que houvesse acessibilidade, como rampas e elevadores que davam acesso aos apartamentos. Na proposta do novo projeto a acessibilidade dos portadores de necessidades especiais foi atendida com a previsão de elevadores, sendo um para acesso do pilotis ao saguão e restaurante e outro no novo anexo atendendo aos dois pavimentos de apartamentos. No conjunto de sanitários do pilotis foi acrescentada uma unidade PNE. Também foi previsto um apartamento especialmente preparado para atender hóspedes com mobilidade reduzida, inclusive dependência para acompanhante. O anexo dos apartamentos será interligado com o salão e recepção do hotel através de passarela metálica.

Figura 44 - Simulação de como ficaria a parte anexa ao hotel com a reforma e ampliação proposta na década de 1980.

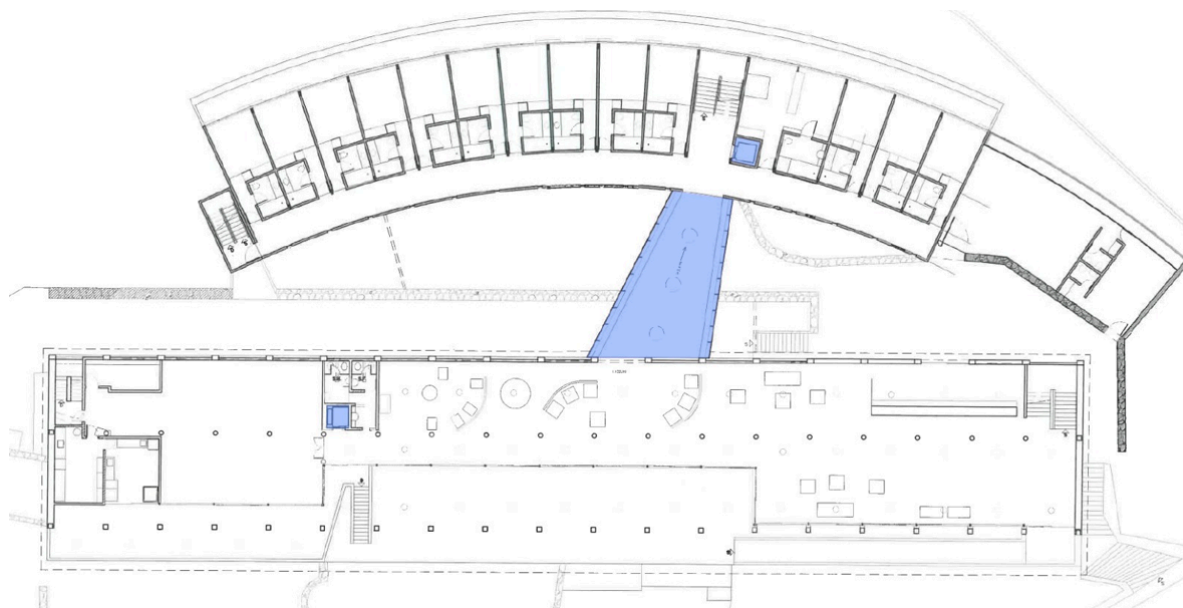


Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

Este projeto chegou a ser aprovado pelo IPHAN com ressalvas e com um prazo de revisão com um ano para ser concluído. Apenas algumas alterações foram possíveis dentro desse prazo, mas a maioria das modificações não foram concluídas. O que foi executado de fato foi a piscina e abertura total do térreo para a construção de uma área de locação para festas. Dentro desse projeto de reforma e ampliação foram discutidas várias propostas, uma delas a modificação da fachada do Grande Hotel, uma espécie de fechamento das varandas com alvenaria com aberturas octogonais, substituindo a varanda com treliças anteriores (Iphan, 1990).

O fato é que com a desaprovação do projeto de reforma, a questão da acessibilidade não foi resolvida e o hotel continua tendo os acessos somente por escadas para os quartos e suítes, com a rampa externa o acesso (FIG. 45) é dado até a recepção, lounge e restaurante.

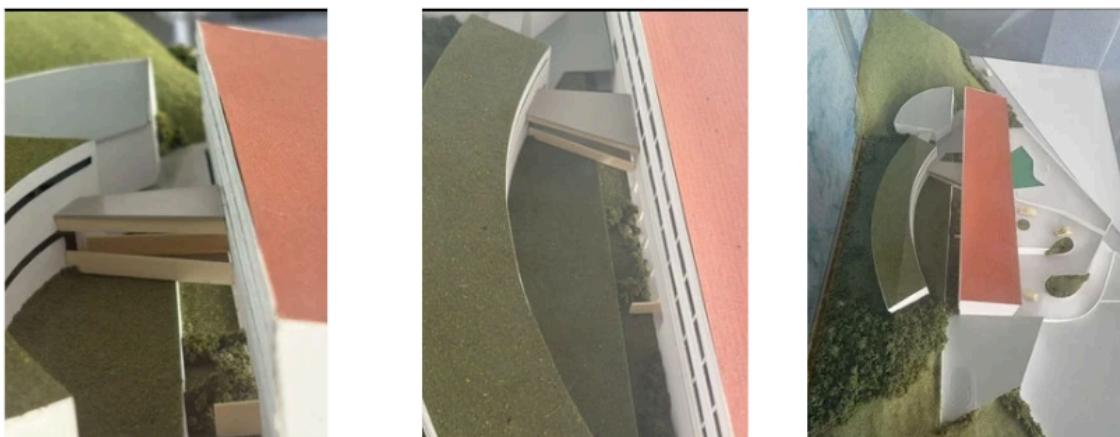
Figura 45 - Planta da rampa de acesso e elevadores na proposta de ampliação e reforma.



Fonte: Acervo Grande Hotel de Ouro Preto (2025).

A observação da maquete (FIG. 46) permite refletir sobre a retomada, por parte de Oscar Niemeyer, de um princípio presente em seu primeiro estudo para o hotel: a adoção do terraço-jardim. No volume proposto para o anexo, percebe-se a intenção de reintegrar esse recurso, buscando camuflar a nova construção na paisagem do morro por meio da continuidade visual com a vegetação existente. Além disso, o edifício apresenta aberturas em fita, solução característica da arquitetura moderna, que evita a criação de uma modulação de vãos que pudesse competir formalmente com o edifício original. Dessa forma, a proposta estabelece uma relação de coexistência com a construção preexistente, preservando sua leitura volumétrica ao mesmo tempo em que afirma uma linguagem arquitetônica contemporânea (Werkema, 2025).

Figura 46 - Maquete da reforma e ampliação pós privatização.

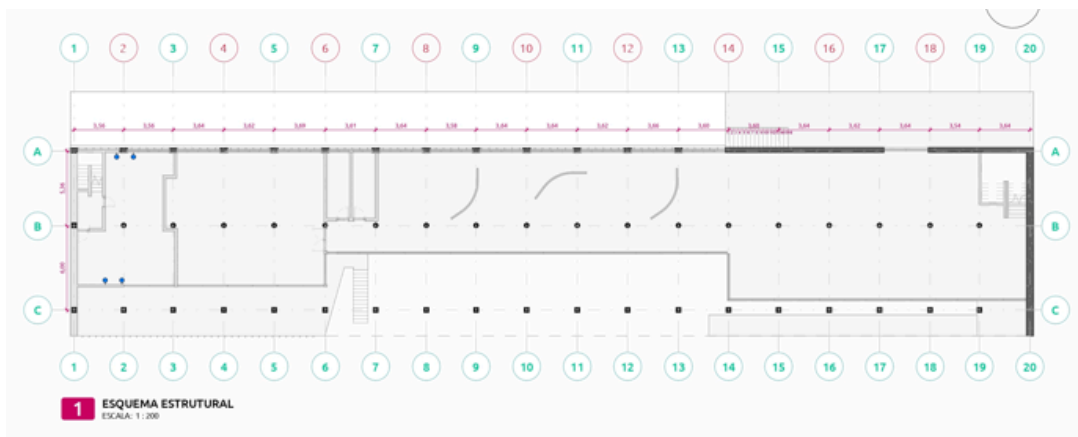


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.7 ESTRUTURA

A estrutura do hotel foi concebida em concreto armado, adotando um sistema estrutural independente das vedações, composto por pilares, vigas e lajes que configuram o esqueleto responsável pela sustentação do edifício. Essa solução, amplamente difundida na arquitetura moderna, permitiu maior liberdade na organização dos espaços internos e na composição das fachadas. O projeto estrutural segue uma modulação regular. Os espaçamentos longitudinais entre os pilares variam entre 3,56 m e 3,64 m, enquanto as distâncias transversais entre os eixos estruturais A, B e C oscilam entre 5,36 m e 6,00 m. Essa organização modular contribui para a estabilidade do conjunto, além de favorecer a racionalidade construtiva e a clareza na organização espacial do edifício. Tal solução evidencia a adoção de princípios característicos da arquitetura moderna presentes na obra de Oscar Niemeyer, nos quais a estrutura assume papel fundamental na definição da forma arquitetônica e na flexibilidade dos espaços internos .

Figura 47 – Planta com a localização dos pilares.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

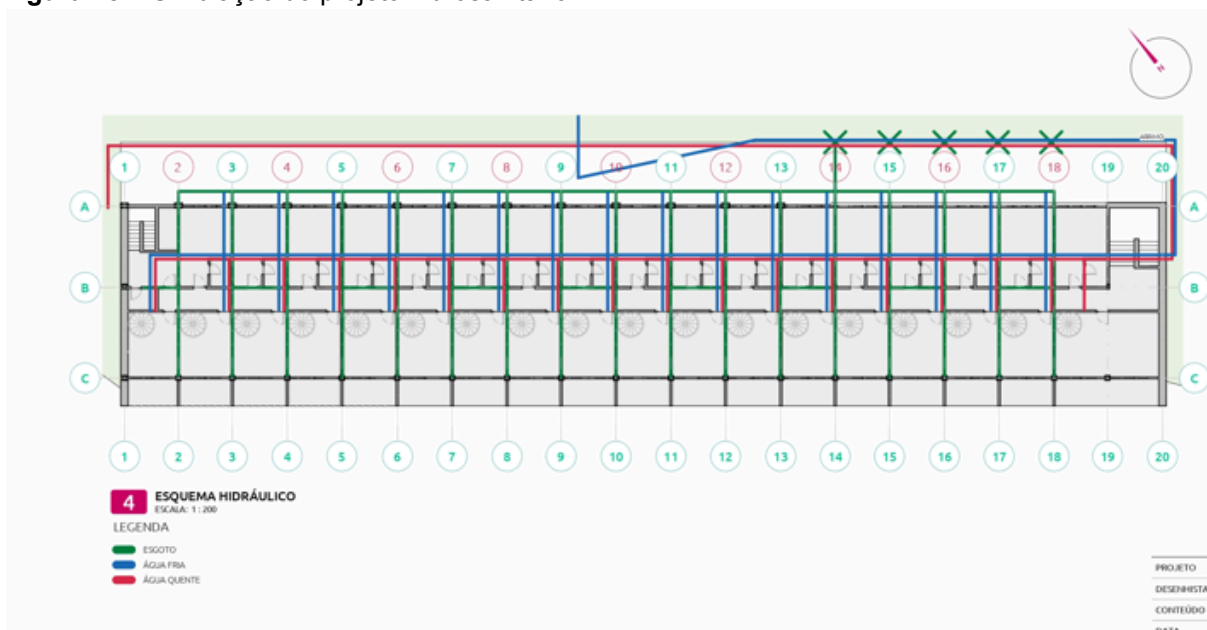
A distribuição dos pilares é realizada ao longo dos eixos mencionados, adotando-se elementos de seção circular, principalmente na área social, com o objetivo de proporcionar maior leveza visual. Nas áreas posteriores e laterais, são utilizados pilares de seção retangular. Observa-se, ainda, a variação dimensional dos pilares retangulares no eixo A, cuja ampliação em determinados pontos é justificada pela necessidade de embutir as tubulações de esgoto provenientes dos banheiros dos pavimentos superiores. Essa solução contribui para a integração entre funcionalidade técnica e qualidade estética. No total, são empregados 18 pilares circulares e 20 pilares retangulares, configurando um sistema estrutural eficiente, equilibrado e coerente com as exigências funcionais e arquitetônicas do edifício.

4.7.1 Projeto hidrosanitário

Na direção da Escola Dom Pedro, há uma manilha que passa sob o hotel e emerge na rua, com a saída localizada próxima à rampa de entrada para veículos. Sob o muro de arrimo do pilotis, existe uma canaleta por onde escoar o esgoto, sendo este o local por onde passa todo o esgoto captado do hotel. Alguns pilares retangulares possuem uma espessura maior, destacados na figura a seguir em vermelho, por onde passam os encanamentos de esgoto provenientes dos apartamentos e suítes. Cada um desses pilares capta o esgoto de dois

apartamentos e duas suítes. O percurso da captação do esgoto, destacado (FIG. 48) em verde, indica a localização do ponto principal de coleta do esgoto de todo o hotel, que posteriormente segue para a rua. O percurso da água fria e quente, captadas da caixa d'água do hotel, está destacado pela cor vermelha para indicar o percurso da água quente e pela cor azul para indicar o percurso da água fria .

Figura 48 – Simulação do projeto hidrosanitário.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.7.2 Circulação

Nas plantas do Grande Hotel, é possível observar a circulação vertical destacada na cor laranja (FIG. 49-50). A circulação destinada aos hóspedes, com largura de 1,50 metros na escada que conecta o primeiro ao segundo pavimento, e de 1,40 metros na escada que liga o térreo/pilotis ao restaurante no primeiro pavimento, apresenta dimensões maiores. Em contraste, a circulação destinada aos serviços possui uma largura menor, de 0,30 metros.

Figura 49 – Planta destacando as circulações na cor laranja.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 50 – Planta destacando as circulações na cor laranja.

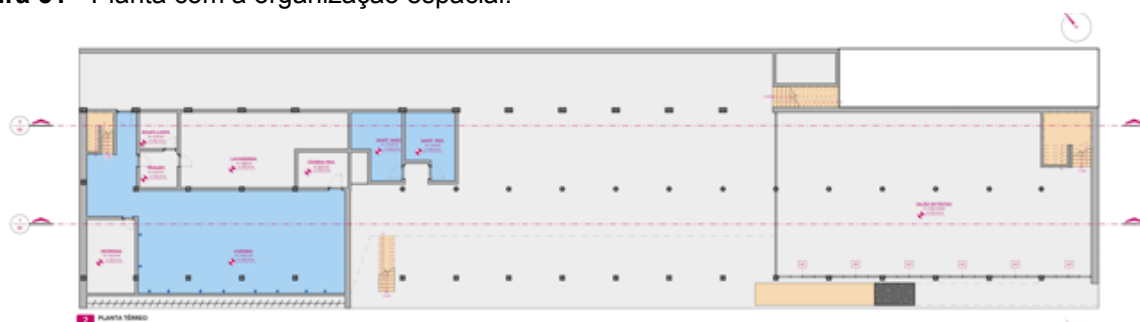


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A circulação do hotel dentro do edifício inicia-se com a organização em linha entre o pilar circular e o castilho, janela. É a partir dessa linha que se distribuem os acessos verticais. Assim, nesta planta, pode-se observar a circulação vertical destacada em laranja .

Os pilares do Grande Hotel de Ouro Preto estão localizados no local do fluxo principal, o que nos leva a considerar se Niemeyer os posicionou propositalmente dessa maneira. A organização espacial segue uma linha, a partir da qual há liberdade de movimento em várias direções. Dessa linha, é possível acessar a escada, a recepção, o lounge, outra escada, a cozinha ou o restaurante. A organização espacial do Grande Hotel (FIG. 51) apresenta-se de forma centralizada e linear, proporcionando uma distribuição eficiente ao adentrar o edifício.

Figura 51 - Planta com a organização espacial.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

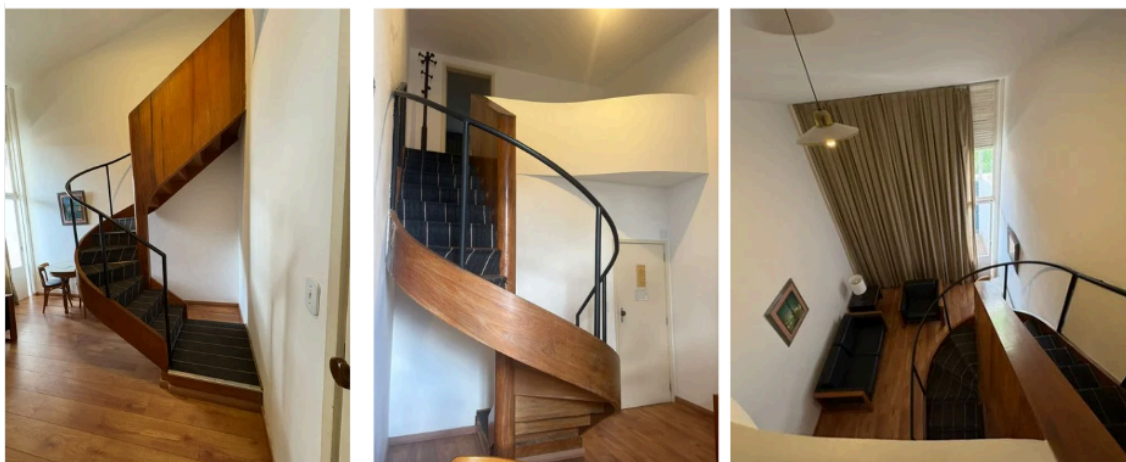
Uma das hipóteses para a adoção de pilares de seção circular nessas áreas está relacionada à organização dos fluxos e da circulação no interior do edifício. Esses elementos estruturais encontram-se posicionados ao longo das principais linhas de circulação e de distribuição espacial, onde há maior intensidade de deslocamento de usuários. A forma arredondada dos pilares, nesse contexto, favorece a circulação ao seu redor, reduzindo possíveis barreiras visuais e físicas e permitindo maior fluidez no percurso. Tal solução revela uma preocupação projetual com o controle e a orientação dos fluxos internos, aspecto recorrente na obra de Oscar Niemeyer. A disposição dos elementos estruturais, associada à organização dos espaços e das circulações, evidencia uma estratégia de projeto em que os percursos, os acessos e as transições entre ambientes são cuidadosamente

definidos, contribuindo para a clareza da distribuição espacial e para a experiência de uso do edifício.

Conforme descrito anteriormente, a circulação do hotel dentro do edifício inicia-se com a organização em linha entre o pilar circular e a janela. A partir dessa linha, também se distribuem os acessos verticais, destacados na planta na cor laranja, executados por meio de escadas. No andar da recepção, lounge e restaurante, a circulação ocorre por um corredor central, que se conecta a duas caixas de escada: uma de serviço e uma social. Essas escadas distribuem o acesso aos apartamentos e suítes. Dentro das suítes duplex, as escadas, que se assemelham a esculturas devido à sua beleza, são circulares e feitas de madeira, com o piso revestido de carpete, exceto por uma única escada em ferro. Essas escadas proporcionam acesso da sala da suíte ao quarto e banheiro (Grande Hotel de Ouro Preto, 2025).

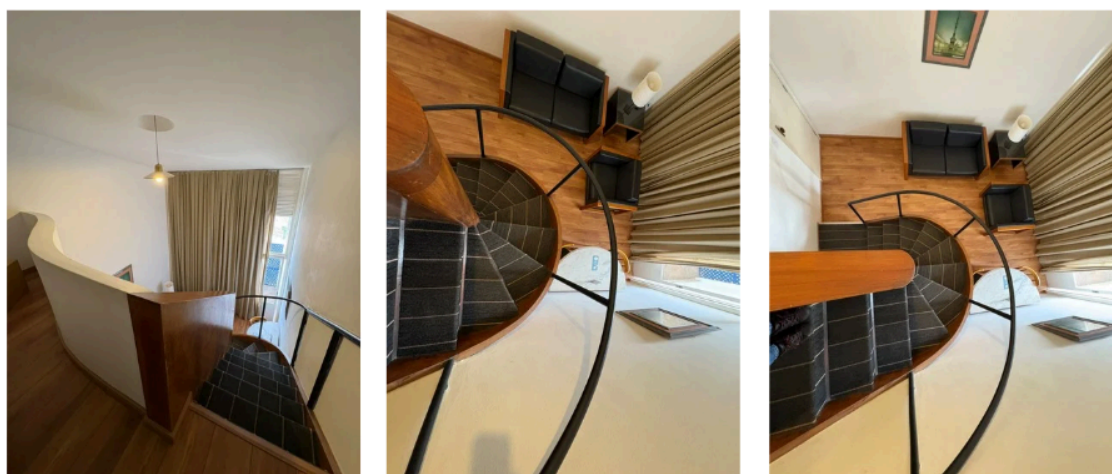
É possível observar as escadas (FIG. 52-58) das suítes duplex, que foram produzidas no próprio canteiro de obras durante a construção do Grande Hotel de Ouro Preto (1942/43) por marceneiros e carpinteiros da época, cujo talento era indiscutível. Essas escadas são arredondadas e confeccionadas em madeira (peroba e jacarandá). Trata-se de uma escada solta, com apenas uma parte encostada na parede, enquanto o restante é solto e circular. A estrutura da escada é parcialmente fixada na parede, com metade da escada solta, conferindo-lhe um caráter escultural. Oscar Niemeyer poderia ter optado por uma escada simples, mais fácil de construir e de formato quadrado, que ocuparia até mais espaço no quarto. No entanto, ele atentou aos detalhes, como o mezanino com uma laje arredondada e o guarda-corpo do mezanino que continua na parte fixa da escada. Niemeyer utilizou sua arte e criatividade para criar curvas nos detalhes. As escadas das suítes loft são elementos de circulação vertical, mas também funcionam como elementos esculturais dentro dos quartos. Esses detalhes evidenciam o mérito de Niemeyer, cuja estrutura do hotel é mais enxuta e quadrada, mas os detalhes revelam sua genialidade e o saber fazer incorporado ao projeto .

Figura 52 - Escada suíte com carpete.



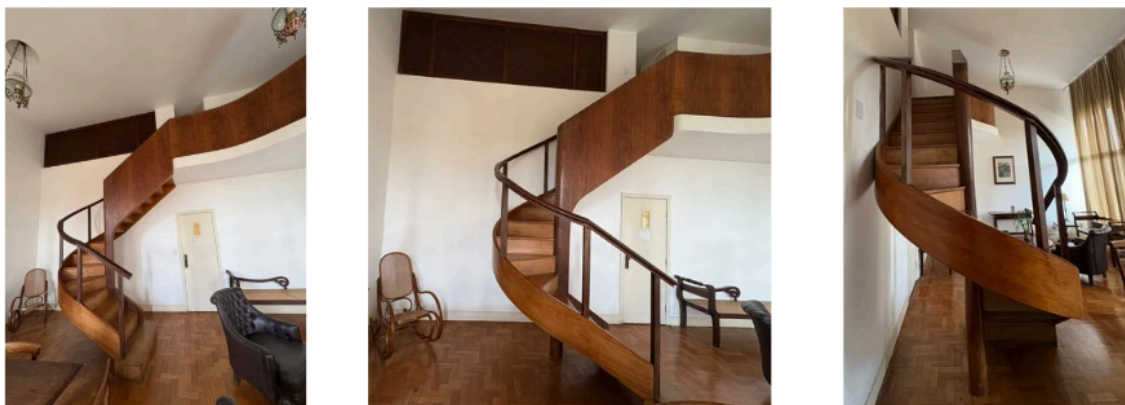
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 53 - Vista da escada da suíte.



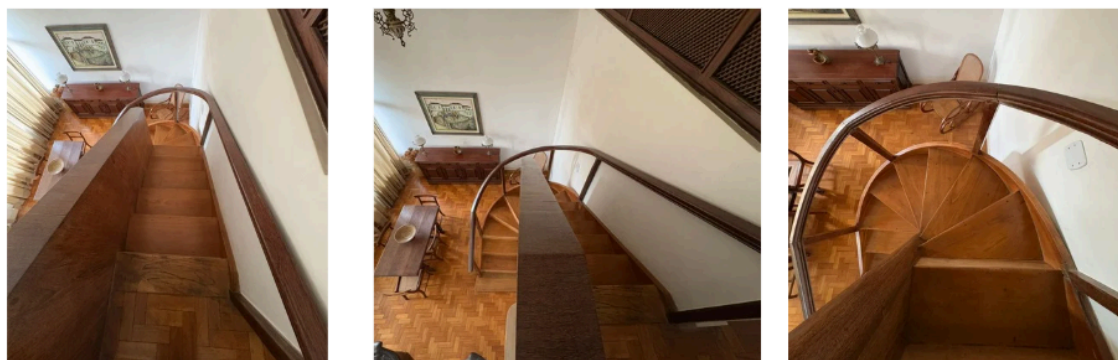
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 54 - Escada suíte JK em madeira.



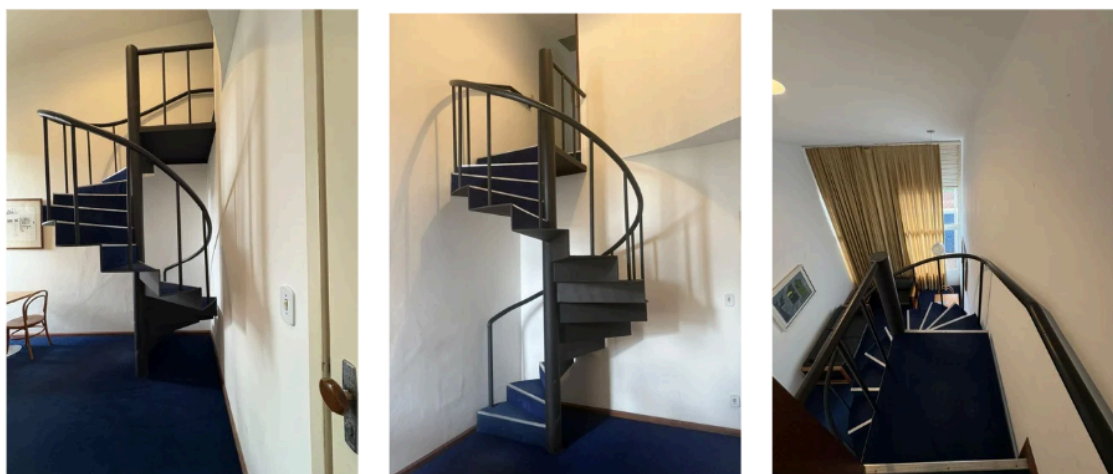
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 55 - Detalhes da vista da escada da suíte JK.



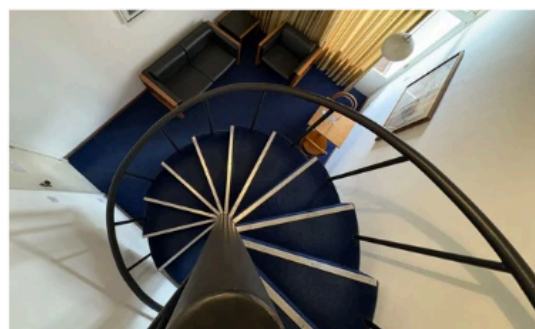
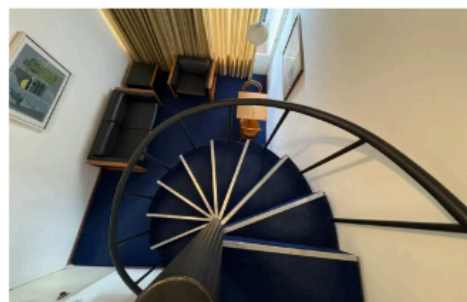
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 56 - Escada de ferro com carpete da suíte.



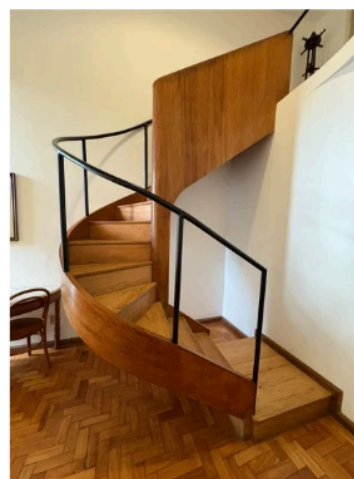
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 57 - Vista da escada de ferro da suíte.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 58 - Escada da suíte em madeira.



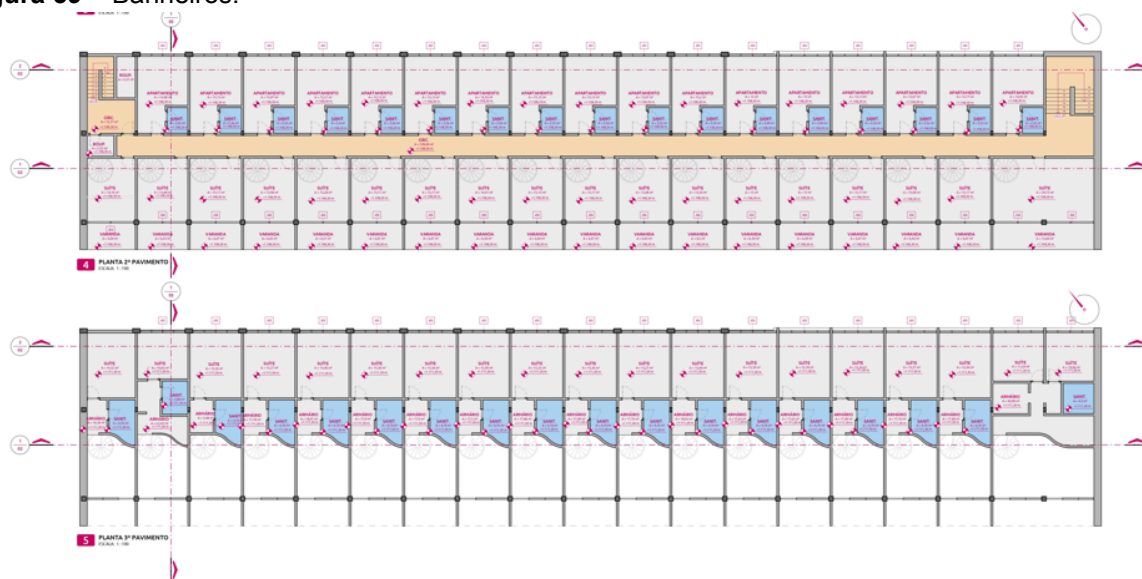
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.7.3 Áreas molhadas

Naquela época, não havia nenhuma residência ou edifício que contasse com a mesma quantidade de banheiros que o Grande Hotel de Ouro Preto. Nem mesmo o Hotel Tóffolo, que era o mais antigo, possuía tantos banheiros .

O Grande Hotel de Ouro Preto introduziu a inovação de um banheiro para cada quarto, algo que, segundo pesquisas realizadas, não existia em nenhuma residência ou edifício daquele período. Durante o período colonial, a infraestrutura de banheiros era quase precária, sendo um exemplo a casa de Antônio Luiz Gonzaga, que possuía água. A estrutura de banheiros era algo que possivelmente foi implementado posteriormente. Mesmo em hotéis novos ou mais antigos daquela época, não havia banheiros individuais; todos utilizavam um único banheiro coletivo. As suítes, com quartos que possuíam banheiros exclusivos, representavam uma ideia revolucionária para a época. No pilotis/térreo, há dois banheiros (FIG. 59), um masculino e um feminino. O banheiro feminino conta com quatro sanitários, enquanto o banheiro masculino possui dois sanitários e quatro mictórios.

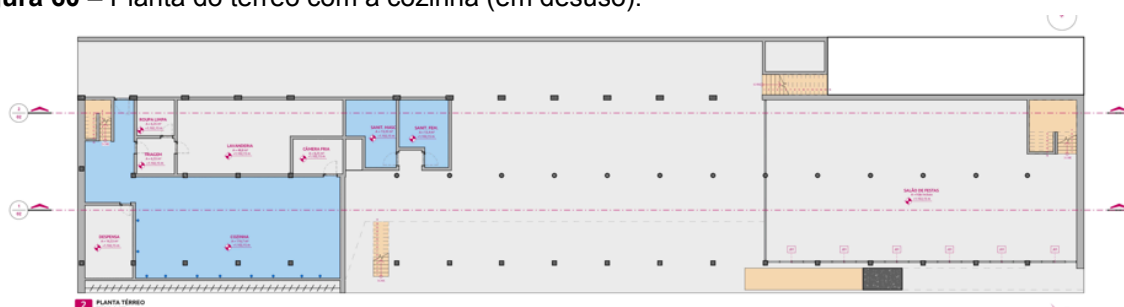
Figura 59 – Banheiros.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

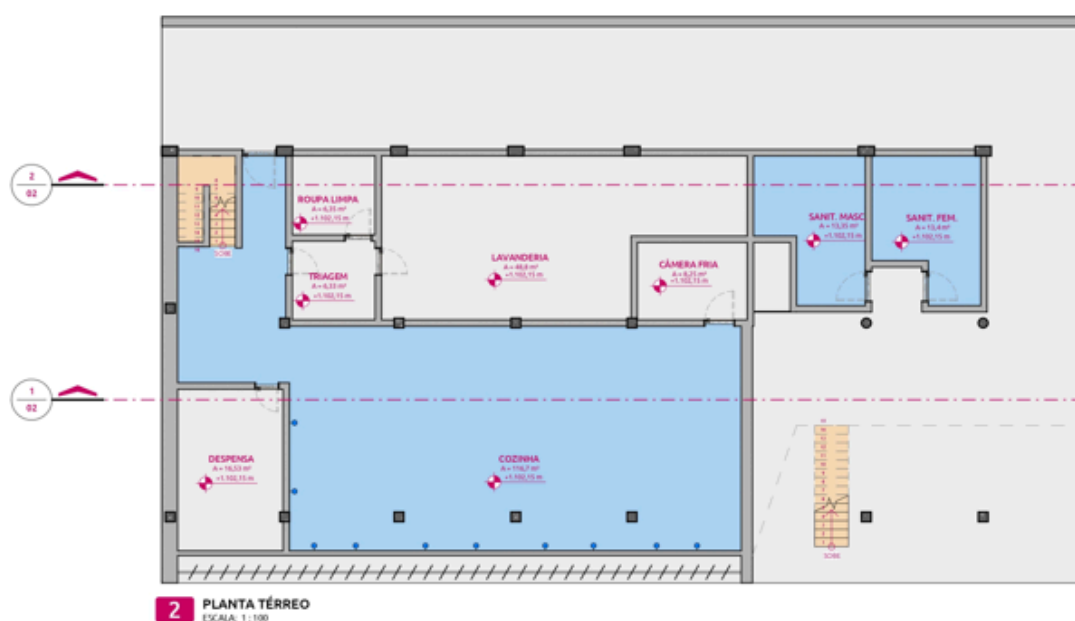
As áreas destacadas em azul (FIG. 60-62), indicam os pontos de água da cozinha usada anteriormente, que hoje segue em desuso.

Figura 60 – Planta do térreo com a cozinha (em desuso).



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 61 - Planta da cozinha.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

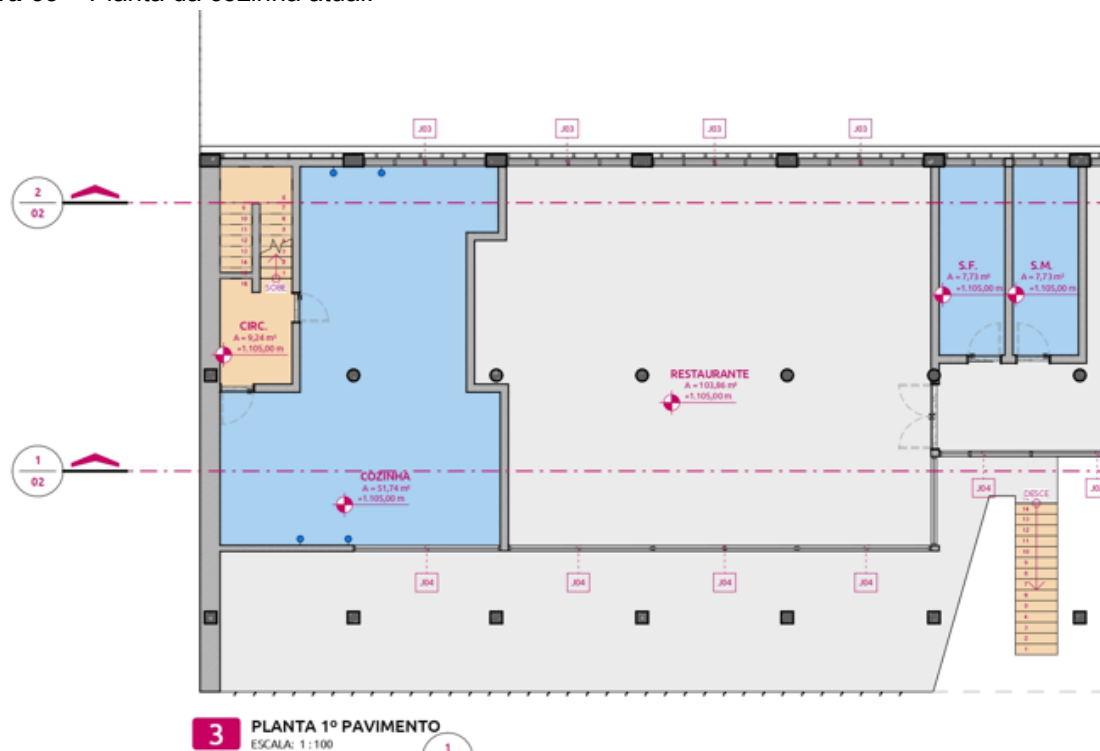
Figura 62 - Pontos de água/pia.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Já nas plantas da cozinha utilizada atualmente pelo hotel, pode-se perceber uma diferenciação na posição dos pontos de água (FIG. 63-65).

Figura 63 – Planta da cozinha atual.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 64 - Pontos de água/pia.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 65 - Planta do Grande Hotel. Banheiros e cozinhas na cor azul.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

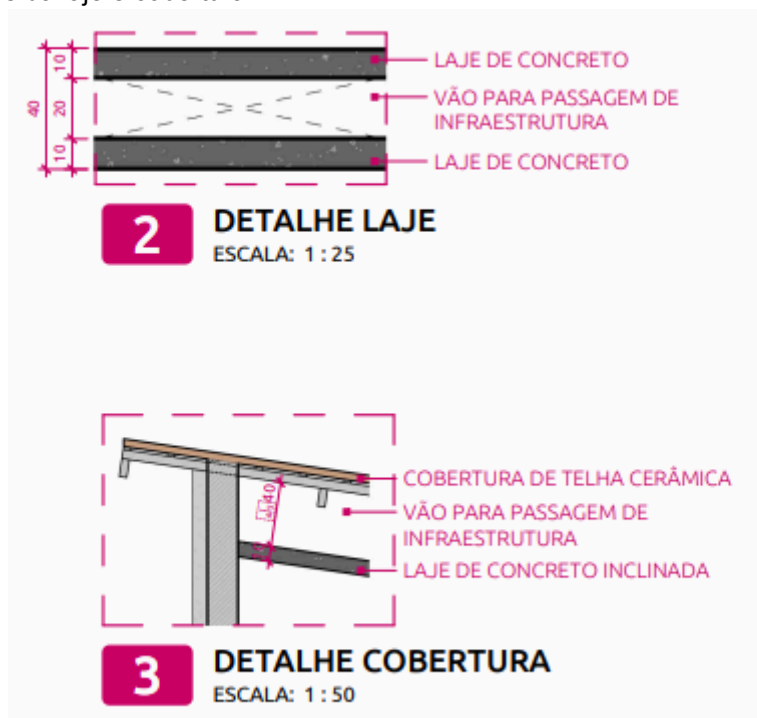
Considerando que o Hotel foi elaborado por uma equipe que compartilhava uma rede de sociabilidade no Rio de Janeiro, incluindo Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e, possivelmente, Carlos Leite, é importante considerar como referência para sua produção a obra do Palácio Gustavo Capanema (antigo Ministério da Educação e Saúde). A obra, executada em 1939, demonstra uma série de inovações tecnológicas e o emprego do vocabulário moderno a partir de uma produção particular, algumas vezes até utilizando materiais importados (Cavalcanti, 2001; Segawa, 1998).

Tudo isso leva a crer que a construção do Hotel, realizada entre 1942 e 1945, teve condições semelhantes. Considerando as condições de mão de obra em Ouro Preto e no Rio de Janeiro, é plausível imaginar que muitas soluções tenham sido emprestadas, ou até mesmo importadas de outros países. Um exemplo disso é a solução para o caminho da rede de esgoto no plano horizontal, que passa pelo centro de uma laje dupla, ou mesmo a modulação dos vidros .

4.7.4 Cobertura

A laje (FIG. 66) é composta por duas camadas de concreto armado, entre as quais há um vão destinado à passagem da infraestrutura. Já a cobertura é composta por telhas cerâmicas e uma laje de concreto inclinada, contendo também um vão para passagem de infraestrutura.

Figura 66 - Detalhe da laje e cobertura.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.7.5 Aberturas

Toda a fachada principal do hotel conta com uma lógica de aberturas muito direcionada aos princípios da arquitetura moderna (janela em fita), o que demonstra a independência com a estrutura principal bem como uma ampliação significativa de entrada de luz. Praticamente todo o conjunto prevê aberturas piso-teto .

A instalação das janelas em fita (FIG. 67), a varanda do restaurante e as varandas das suítes dão ao hóspede uma visão privilegiada da cidade, assim como dão a entrada de luz natural para os espaços interiores da edificação e maior conforto ao usuário uma vez que pode influenciar também na circulação do ar. Em contrapartida, na parte de trás do projeto as aberturas são janelas modulares, o que leva a perceber o pano de alvenaria .

Figura 67: Planta com localização de janelas em fita.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Para a pesquisa, foi realizado o levantamento dessas esquadrias (FIG. 68) com o objetivo de compreender as modulações utilizadas no projeto. Como observa-se a seguir, a Janela J1, do salão de festas, possui uma série de módulos com as seguintes características: duas partes fixas nas extremidades, cada uma com 82 cm de largura; duas partes de correr ao centro, cada uma com 80 cm de largura; e basculantes de 25 cm na parte superior. Essas medidas totalizam 3,24 metros de largura e 1,10 metros de altura.

Figura 68 – Medidas das esquadrias.

ESQUADRIAS	
SMB.	DIMENSÕES (cm)
J01	324x110/0
J02	335x290/0
J03	314x80/210
J04	360x290/0
J05	306x140/80
J06	318x449/0

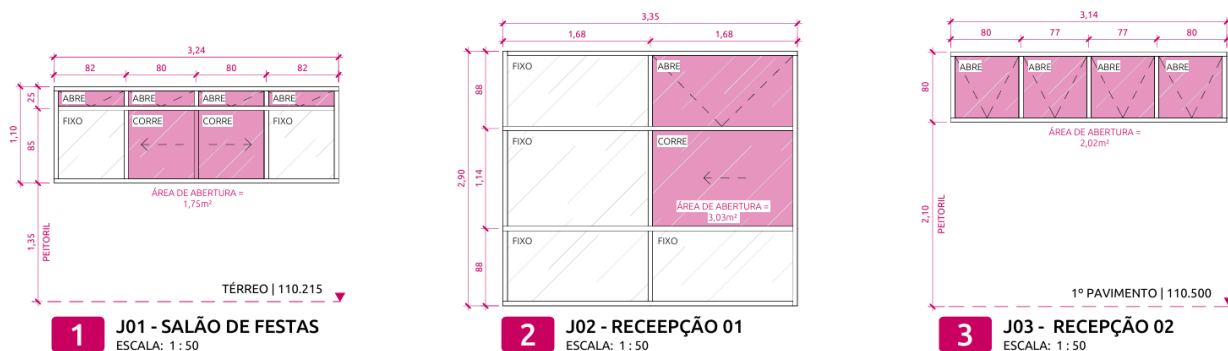
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A janela J2 da recepção 01 é composta por múltiplos elementos: na parte inferior, duas seções fixas de 1,68 m de largura por 0,88 m de altura cada; na seção central, uma parte fixa e uma de correr de 1,68 m × 1,14 m; e na porção superior, dois elementos de 1,68 m × 0,88 m, sendo o da esquerda fixo e o da direita basculante, totalizando 3,35 m de largura por 2,90 m de altura. As janelas J3 da recepção 02 possuem quatro partes basculantes: extremidades com 0,80 m de largura e as centrais com 0,77 m, todas com 0,80 m de altura, resultando em 3,13 m × 0,80 m. As janelas J4 do restaurante apresentam duas partes fixas inferiores de 1,80 m × 0,88 m; na seção central, uma parte fixa e outra de correr de 1,80 m × 1,14 m; e na parte superior, uma seção fixa e outra basculante de 1,80 m × 0,88 m, totalizando 3,60 m × 2,90 m.

As janelas J5 das suítes têm quatro partes inferiores — duas fixas nas extremidades (0,78 m × 0,95 m) e duas de correr ao centro (0,75 m × 0,95 m) — e

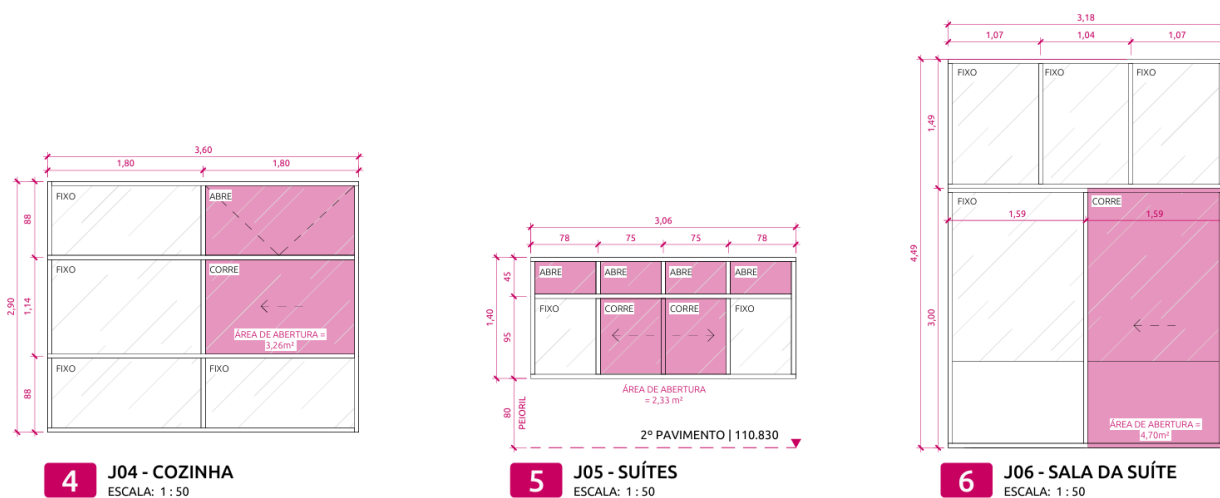
quatro partes superiores basculantes de 0,45 m de altura, com largura de 0,78 m nas extremidades e 0,75 m no centro. As janelas J6 das salas das suítes apresentam duas partes inferiores (uma fixa e outra de correr) de 2,90 m × 3,00 m e três partes superiores fixas de 1,07 m × 1,49 m (FIGS. 69-70).

Figura 69 – Detalhamento das esquadrias.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 70 – Detalhamento das esquadrias.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A partir do levantamento realizado, é possível inferir que os amplos panos de vidro das esquadrias do Grande Hotel provavelmente não foram produzidos em Ouro Preto, considerando que suas dimensões excedem as medidas usuais para a época. Foi discutida a possibilidade de que tais vidros tenham sido encomendados junto aos utilizados no Ministério da Educação e Saúde (MES), considerando a semelhança dimensional, a proximidade temporal das obras (1937–1945) e a quase

coincidência das equipes técnicas envolvidas. Também se levantou a hipótese de aproximação com o conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte-MG, pela presença de integrantes comuns na equipe e pela coincidência cronológica, sugerindo que alguns materiais, como os vidros, poderiam ter sido adquiridos de forma conjunta. Em contraste, os acabamentos em madeira dos caixilhos foram fabricados localmente, no próprio canteiro de obras do Grande Hotel.

Com a aquisição do Grande Hotel pelo atual proprietário, Jarbas Avellar, em 1989, foi proposta uma reforma do edifício, também projetada por Oscar Niemeyer. Entre as alterações sugeridas, destacava-se a substituição dos muxarabis por janelas octogonais (FIG. 71-72), com o objetivo de ampliar a área interna das suítes. Esse fechamento teria sido executado em alvenaria de concreto armado, técnica amplamente utilizada por João Filgueiras Lima no Hospital Sara Kubitschek, em Brasília (1960). Um dos módulos da fachada chegou a ser construído experimentalmente em uma das suítes; entretanto, conforme registrado em documentos do IPHAN, o projeto não foi aprovado.

Figura 71 - Fachada do Grande Hotel com janela octogonal.



Grande Hotel, Ouro Preto. Arquiteto Oscar Niemeyer - Foto Nelson Kon

Fonte: Comas (2010).

Figura 72 - Maquete do Grande Hotel com a fachada com janelas octogonais.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A proposta de alteração significativa na fachada do Grande Hotel suscitou questionamentos quanto à sua volumetria, uma vez que poderia descaracterizar o conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto. Em correspondência ao IPHAN, o arquiteto Augusto C. da Silva Telles observou que as modificações planejadas consistem na substituição das treliças que formam os guarda-corpos e painéis superiores das varandas por uma parede contínua, com aberturas octogonais correspondentes a cada suíte duplex. Conforme registrado na comunicação, “as treliças que se sucedem ritmicamente ao longo da extensa fachada seriam substituídas por uma parede lisa, com aberturas poligonais” (IPHAN ,1995). Augusto C. da Silva Telles atuou por mais de 30 anos no IPHAN, trabalhando sob a orientação de Lúcio Costa e Rodrigo Melo Franco de Andrade, e se aposentou como arquiteto do órgão (IPHAN ,1995).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo investigar o processo de produção do Grande Hotel de Ouro Preto, compreendendo-o não apenas como uma obra consagrada da arquitetura moderna brasileira, mas como resultado de um conjunto de relações, negociações e contradições próprias de seu contexto histórico, político e institucional. Ao longo da pesquisa, buscou-se problematizar a leitura canônica da arquitetura, que na maioria das vezes é centrada na autoria individual, propondo uma abordagem que evidenciasse a coletividade e o processo da produção arquitetônica.

A análise do percurso projetual do Grande Hotel revelou que sua configuração final não decorre de uma decisão linear ou exclusivamente autoral, mas de discussões entre diferentes concepções arquitetônicas, interesses políticos e exigências institucionais, especialmente no âmbito do SPHAN, àquela época. O embate entre a proposta neocolonial de Carlos Leão e o projeto moderno de Oscar Niemeyer explicita tensões fundamentais da época, relacionadas à preservação do patrimônio histórico, à afirmação da arquitetura moderna e à construção de uma identidade nacional.

O estudo da implantação, da estrutura, das circulações, das tipologias e das soluções construtivas do edifício permitiu compreender como o projeto moderno foi ajustado às condições topográficas, técnicas e culturais locais. As adaptações realizadas durante a execução, bem como as soluções espaciais adotadas, evidenciam a atuação de diversos agentes, como arquitetos, técnicos, gestores públicos e mão de obra local, e reforçam a ideia da arquitetura como produção material da sociedade, sujeita a transformações e mediações constantes. As aproximações tipológicas entre o Grande Hotel e a Unité d'Habitation de Le Corbusier reforçam ainda o diálogo internacional da arquitetura moderna, ao mesmo tempo em que revelam apropriações específicas ao contexto brasileiro.

Ao confrontar fontes documentais, narrativas historiográficas e a obra construída, este trabalho buscou evidenciar as lacunas, apagamentos e contradições presentes na história da arquitetura, destacando a importância das fontes visuais e do levantamento em campo como instrumentos fundamentais de análise. Nesse sentido, o Grande Hotel de Ouro Preto não é compreendido apenas como um marco da arquitetura moderna, mas como um objeto que materializa

disputas simbólicas, técnicas e políticas, ainda relevantes para os debates contemporâneos sobre patrimônio, preservação e inserção da arquitetura contemporânea em sítios históricos.

Por fim, conclui-se que, no que se refere ao processo produtivo, os indícios observados sugerem que a construção do hotel esteve fortemente ancorada em referências externas ao contexto local. Trata-se de uma produção quase importada, como se se implantasse em Ouro Preto um objeto arquitetônico alheio às práticas construtivas correntes na região. À época, não havia um saber-fazer local consolidado relacionado ao uso do concreto, do vidro e dos sistemas de caixilharia empregados, o que contribui para a percepção de que a obra se configurou como uma intervenção forçada naquele sítio específico. Nesse sentido, diferentemente da bibliografia mais tradicional e canônica sobre o hotel, que tende a apresentar a produção moderna brasileira como uma vitrine voltada ao exterior, enfatizando uma suposta facilidade e recorrência desse tipo de realização no país, sem reconhecer tensões ou contradições, este trabalho evidencia a existência de múltiplas negociações e complexidades envolvidas no processo de produção do edifício.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco Mineiro Glossário de Arquitetura e Ornamentação**. Belo Horizonte, MG. Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Análise do Discurso**: conceitos e métodos. São Paulo: Pontes, 1994.
- CAVALCANTI, José Adilson Dias; SILVA, Marilda Santana da. **Sítios Geológicos e Mineiros do Quadrilátero Ferrífero**, Minas Gerais - Brasil. Belo Horizonte. Disponível em: <https://sbgeo.org.br/assets/admin/imgCk/files/georroteiros/GeorroteiroQF_2023.pdf#:~:text=O%20Quadril%C3%A1tero%20Ferr%C3%ADfero%20localiza%2Dse%20na%20por%C3%A7%C3%A3o%20central,em%20Ouro%20Preto/Mariana%2C%20Congonhas%2C%20Caet%C3%A9%20e%20Bramadinho> Acesso em: Out. de 2025
- CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno**: guia de arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.
- CHOAY, **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo, Estação Liberdade / Ed. Unesp, 2001, p. 18.
- COMAS, Carlos Eduardo. **O passado mora ao lado**. Lúcio Costa e o projeto do Grande Hotel de Ouro Preto, 1938/40. *Arquitextos*, São Paulo, ano 11, n. 122.00, Vitruvius, jul. 2010.
- COSTA, Lúcio. **Carta a Gustavo Capanema**, 1939. Reproduzida por CAVALCANTI (2006).
- _____. **Parecer apresentado a Rodrigo Mello Franco de Andrade sobre o projeto de Oscar Niemeyer para a construção do Hotel de Ouro Preto**. Arquivo do SPHAN, pasta Lucio Costa. Apud MARTINS, 1987: 192-200.
- _____. **Registros de uma Vivência**. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 1938.
- COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. **Fundamentos de Morfologia Urbana**. Belo Horizonte, MG: Editora C/ Arte, 2015.
- CUNHA, Claudia dos Reis e. **Alois Riegl e o culto moderno dos monumentos**. *Resenhas Online*, São Paulo, ano 05, n. 054.02, Vitruvius, jun. 2006.
- DIAS, José. **Depoimento acerca da visita de Vargas a Ouro Preto**. S/d: Ouro Preto, 2006.
- FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER. **Oscar Niemeyer**. Disponível em: <<https://www.oscarniemeyer.org.br/>>. Acesso em: Dez. de 2025.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOODWIN, Philip Lippincott. 1943. **Brazil builds** : architecture new and old, 1652-1942. Disponível em:
<https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_2304_300061982.pdf>.
Acesso em: Ago. de 2025.

GRANDE HOTEL Ouro Preto. **Localização**. Disponível em:
<<https://www.grandehotelouropreto.com.br/localizacao#:~:text=O%20Grande%20Hotel%20de%20Ouro,map%2C%20then%20drag%20the%20map>> Acesso em: Out. de 2025.

_____. **O Hotel**. Disponível em:
<<https://www.grandehotelouropreto.com.br/o-hotel>>. Acesso em: Out. de 2025.

HOTEIS.COM. **Grande Hotel de Ouro Preto**. Disponível em:
<<https://www.hoteis.com/ho2091019072/grande-hotel-de-ouro-preto-ouro-preto-brasil/>>. Acesso em: Out. de 2025.

IPHAN. **Documentos históricos e técnicos sobre o Grande Hotel de Ouro Preto**. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

MENESES, Ulpiano T .Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**. Balanço provisório, propostas cautelares. Universidade de São Paulo. Revista Brasileira de História, vol. 23, nº 45. 2003.

MOURA, Renata Machado. **Estudo morfológico do conjunto arquitetônico da Rua Direita de Ouro Preto/MG**. 2025. 78 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2025.

NAGAMINE BRANDÃO, Helena H. **“Arquitetura moderna em cidades históricas: análise do Grande Hotel de Ouro Preto”**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 24, 1996.

OLIVEIRA, Raíssa Pereira Cintra de. **O Parque Anhembi: objeto de um experimento histórico** (São Paulo, década de 1960). 2016. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU/SBI). São Paulo.

OURO PRETO, Prefeitura Municipal. **Dados Geográficos**. Disponível em:
<<https://www.ouropreto.mg.gov.br/turismo/dados-geograficos#:~:text=Localiza%C3%A7%C3%A3o:%20O%20munic%C3%ADpio%20encontra%2Dse,km%20da%20capital%20Belo%20Horizonte>>. Acesso em: Out. de 2025.

PASSOS, Sibele Fernanda de Paula. **Mudanças nas Formas de Uso em Espaços Urbanos Patrimonializados: O Caso da Rua Direita de Ouro Preto**. 2018. 90 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais.

PUPPI, Marcelo. **Por uma história não moderna da arquitetura brasileira**. Questões de Historiografia. Coleção Pandora, Campinas, Pontes, 1998.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Ouro Preto**: dos gestos de transformação do “colonial” aos de construção de um “antigo moderno”. Vol 4. p.125-63. Anais do Museu Paulista, 1996.

SANTANA Estanislau Neto, Bárbara. **Ouro no Quadrilátero Ferrífero**: Contexto Geológico e Histórico. Poços de Caldas, MG, 2023. Orientador: Matheus Fernando Ancelmi. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Engenharia de Minas) - Universidade Federal de Alfenas, Poços de Caldas, MG 2023. Disponível em: <<https://www.unifal-mg.edu.br/ceem/wp-content/uploads/sites/195/2024/07/TCC-CEE-M-Barbara-Neto-Ouro-no-Quadrilatero-Ferrifero-30102023.pdf>>. Acesso em: Out. de 2025.

TRIVAGO. **Grande Hotel de Ouro Preto**. Disponível em: <<https://www.trivago.com.br/pt-BR/oar/grande-hotel-de-ouro-preto?search=100-115857>>. Acesso em: Out. de 2025.

VASCONCELLOS, Sylvio. **Vila Rica**: Formação e Desenvolvimento: Residências. 2ª Ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A., 2011.

_____. **Arquitetura no Brasil**: Sistemas Construtivos. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 1979.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Ouro Preto: panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 8 out. 2025.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. **Geologia e recursos minerais do Quadrilátero Ferrífero**. Brasília: CPRM, 2014.

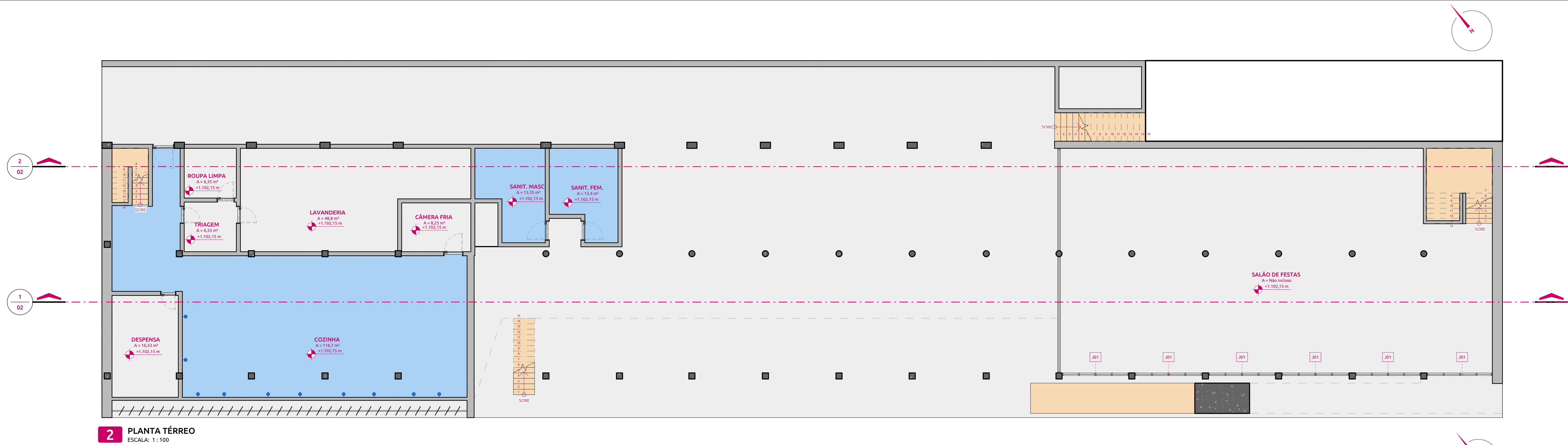
IPHAN. **Centro Histórico de Ouro Preto**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2015.

GOOGLE. **Google Maps**. Disponível em: <https://maps.google.com>. Acesso em: 7 nov. 2025.

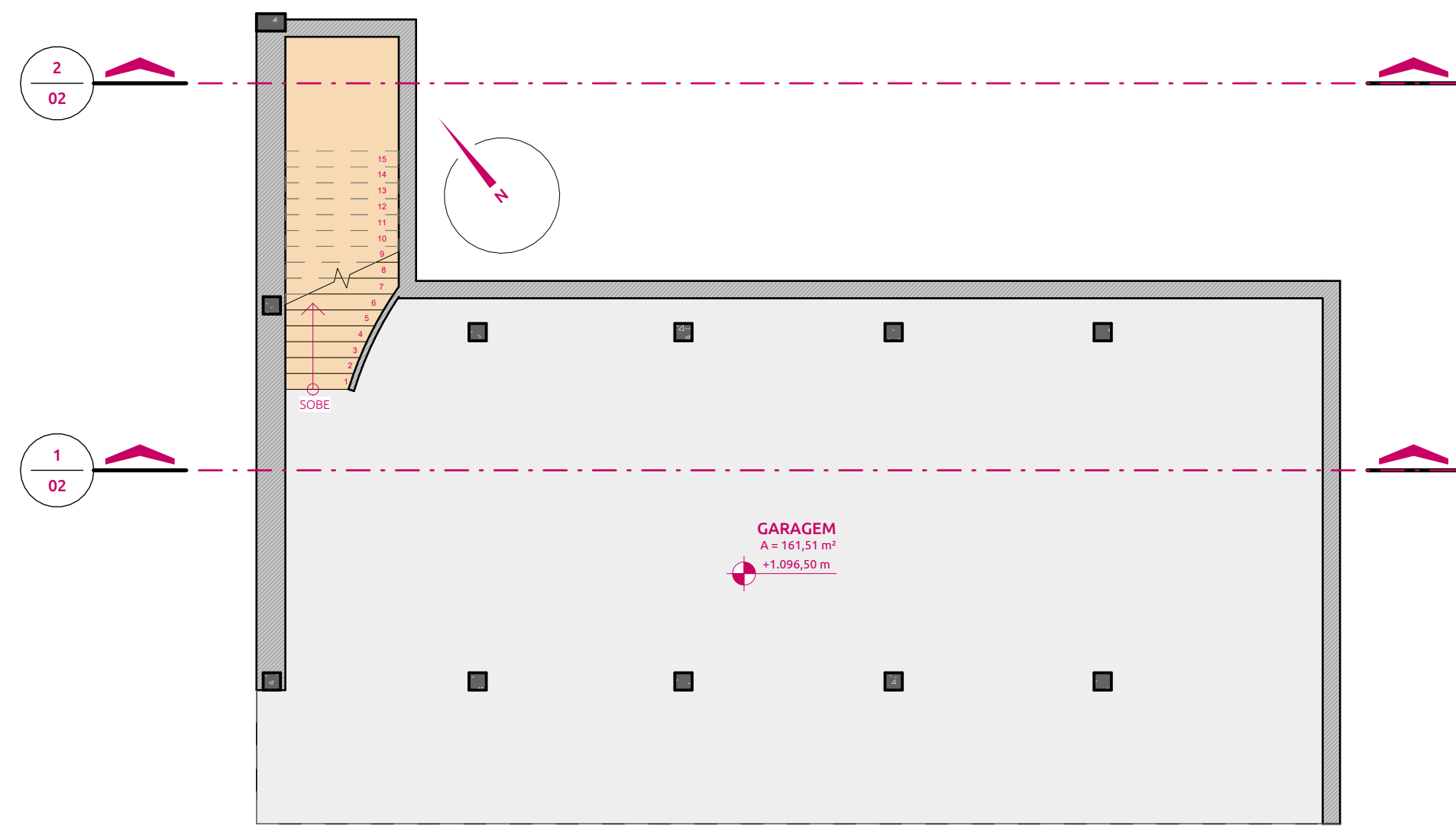
GOOGLE. **Google Earth**. Disponível em: <http://earth.google.com/>. Acesso em: 7 nov. 2025.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EdUSP, 1998.

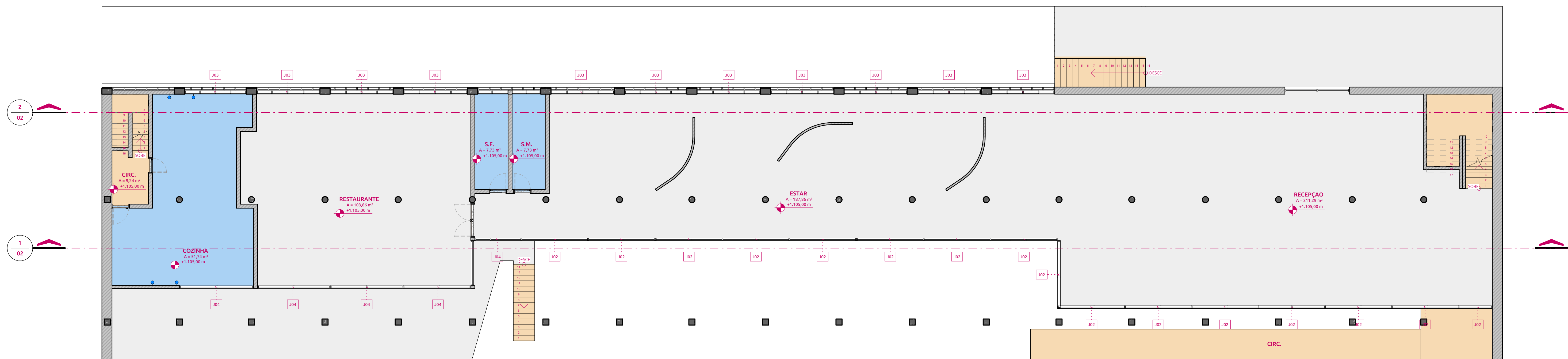
APÊNDICES**Apêndice A – Projetos Grande Hotel de Ouro Preto**



2 PLANTA TÉRREO
ESCALA: 1:100



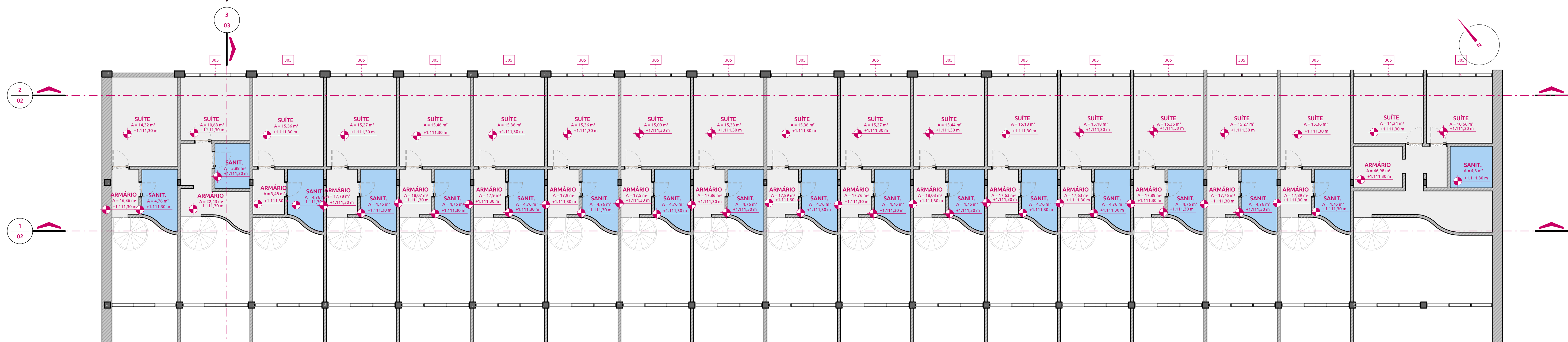
1 PLANTA GARAGEM
ESCALA: 1:100



3 PLANTA 1º PAVIMENTO
ESCALA: 1:100

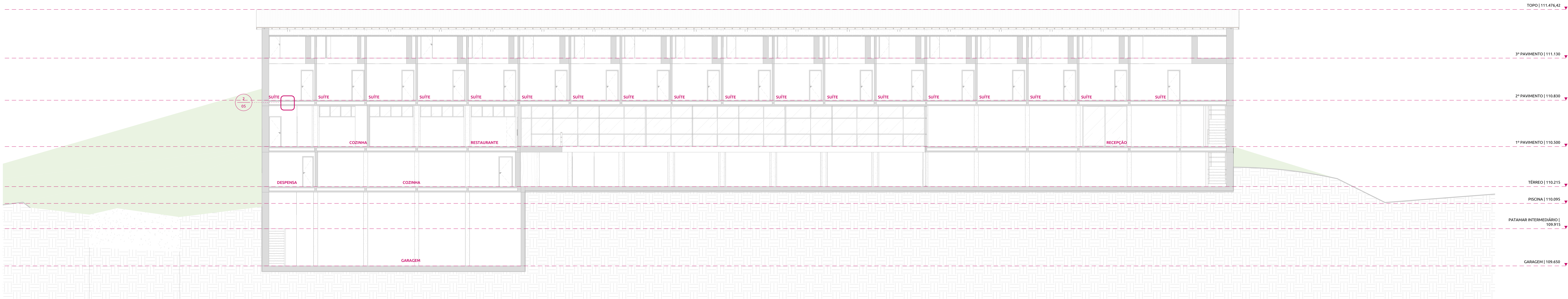


4 PLANTA 2º PAVIMENTO
ESCALA: 1:100

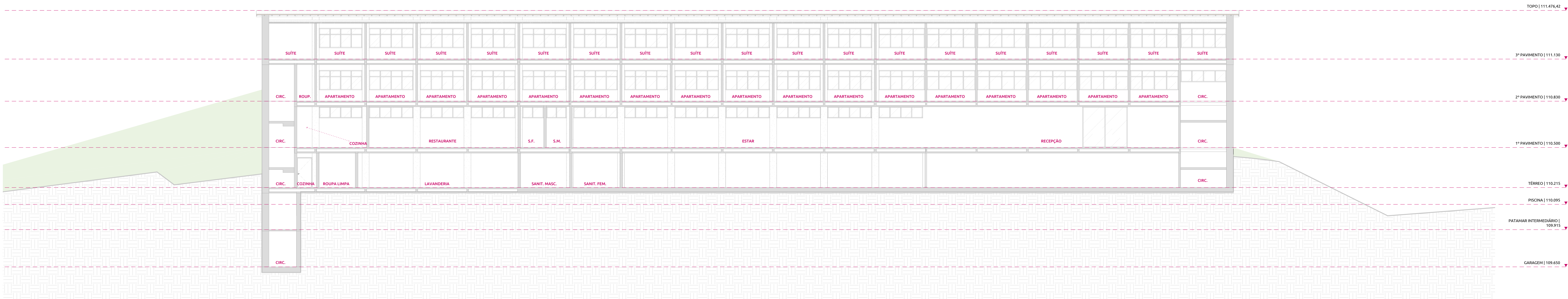


5 PLANTA 3º PAVIMENTO
ESCALA: 1:100

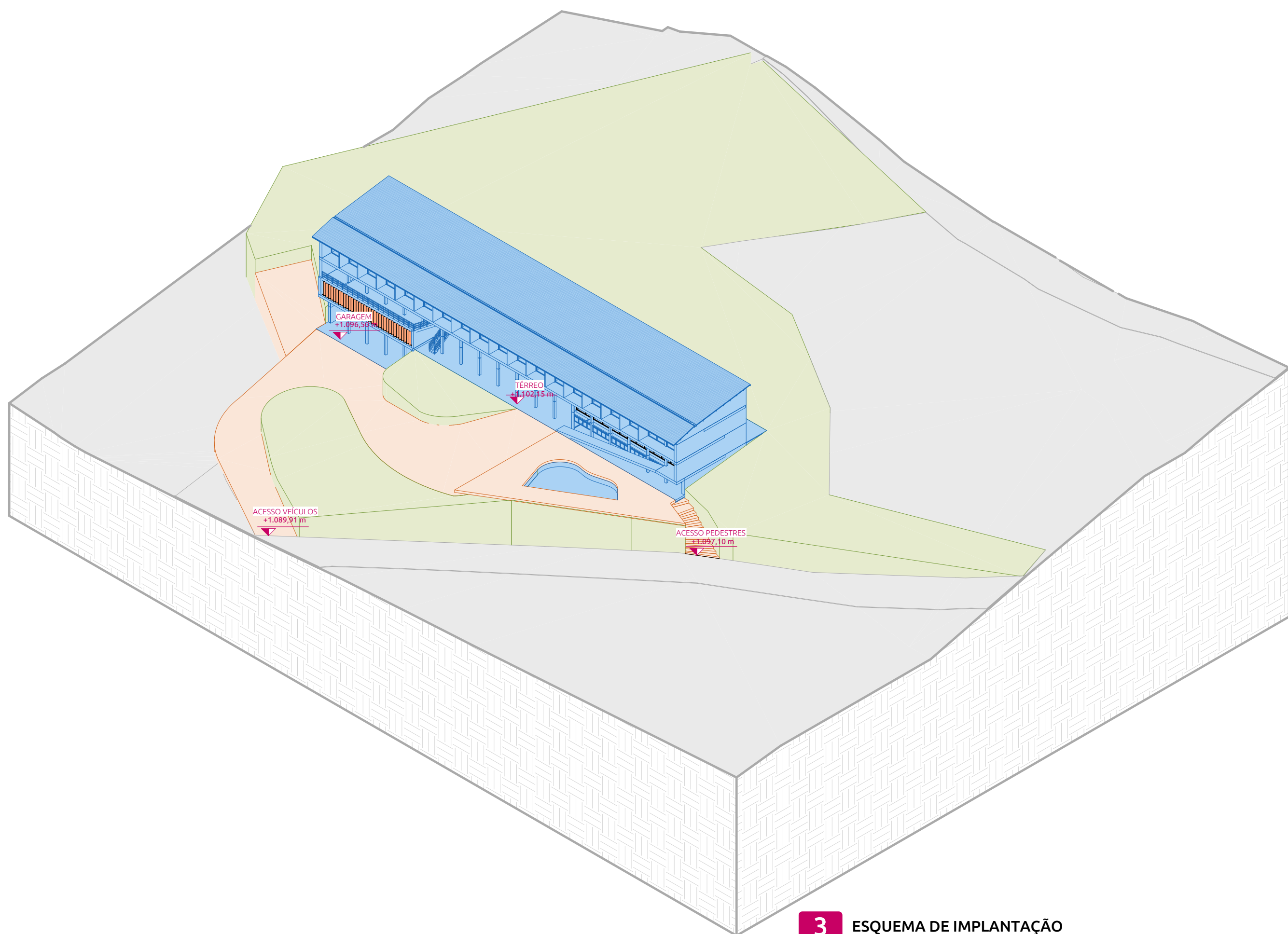
ESQUADRIAS	
SMB.	DIMENSÕES (cm)
J01	32x4110/0
J02	33x4290/0
J03	31x4802/10
J04	36x290/0
J05	30x140/00
J06	31x449/0



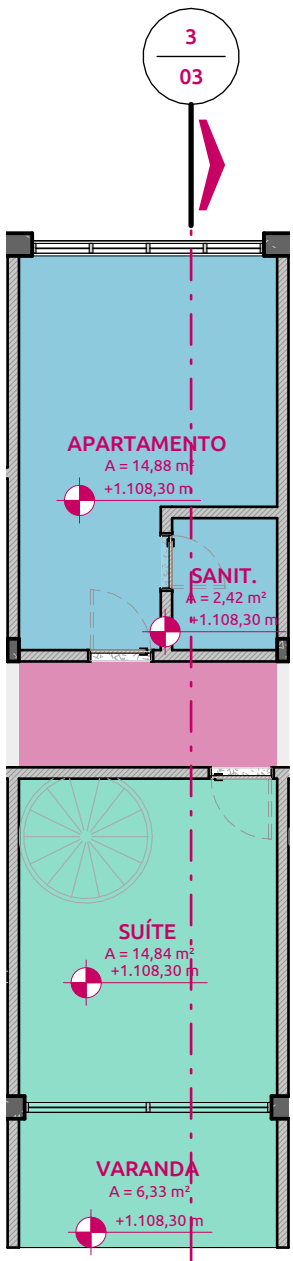
1 CORTE A
ESCALA: 1:100



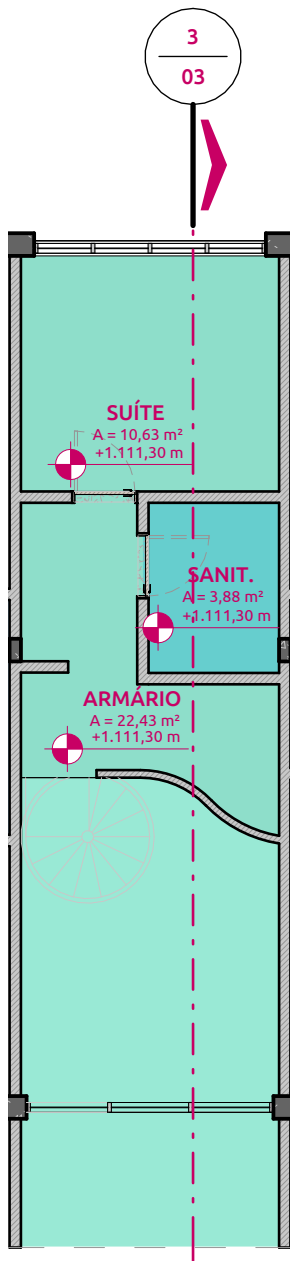
2 CORTE B
ESCALA: 1:100



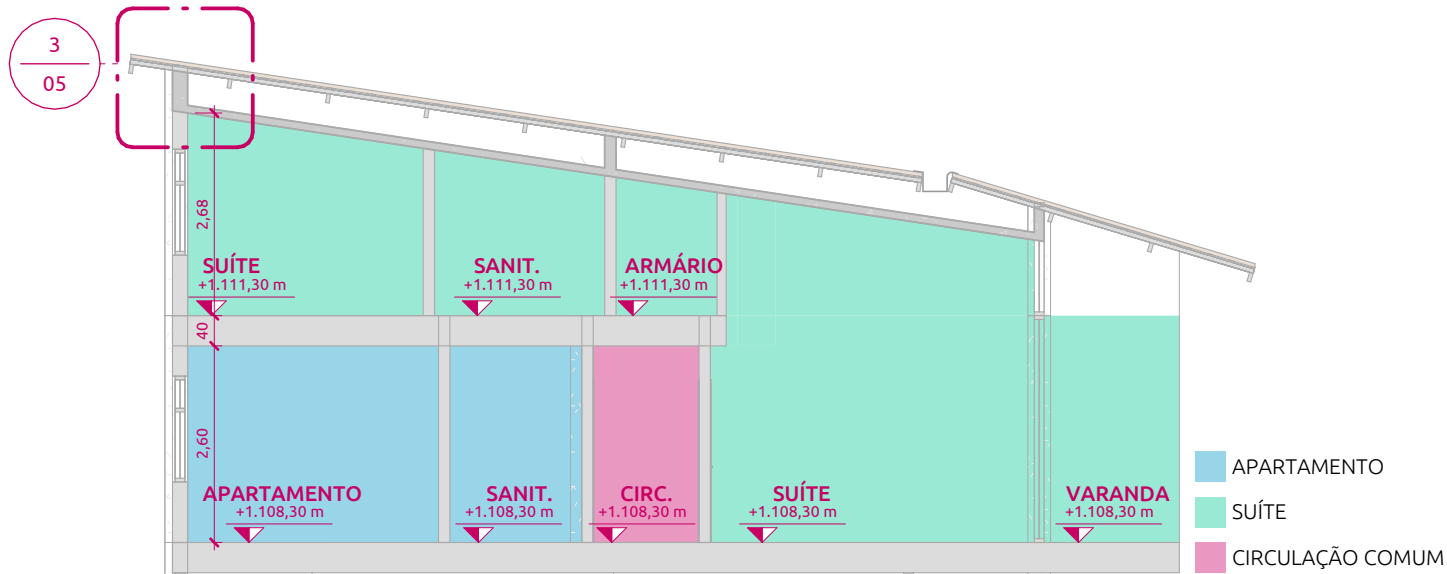
3 ESQUEMA DE IMPLANTAÇÃO



1 PLANTA SUÍTES - 2º PVTO
ESCALA: 1 : 100

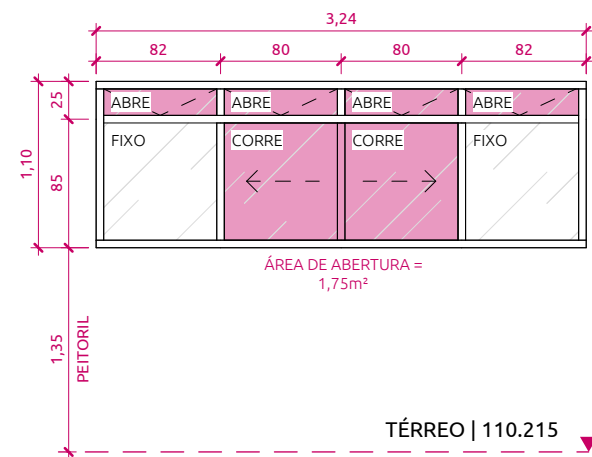


2 PLANTA SUÍTES - 3º PVTO
ESCALA: 1 : 100

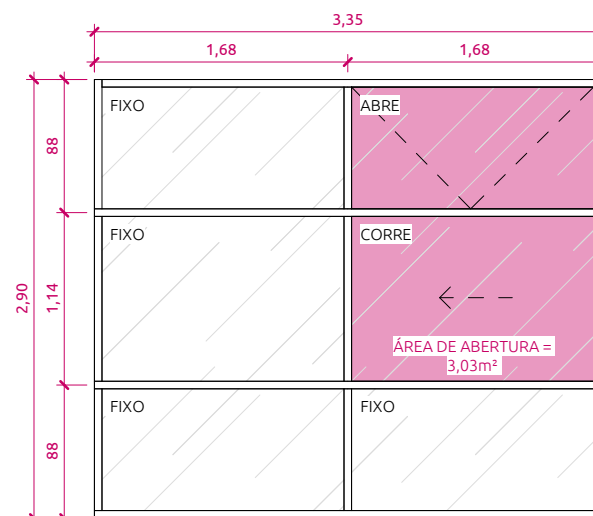


3 CORTE SUÍTES
ESCALA: 1 : 100

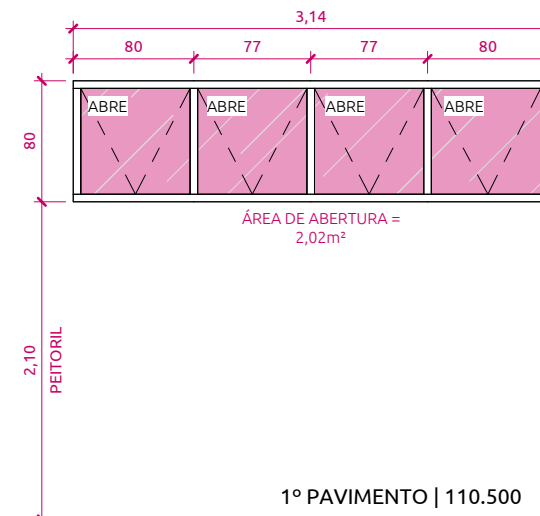
PROJETO	GRANDE HOTEL	FOLHA 03/05
DESENHISTA	LARISSA GAMARANO	
CONTEÚDO	AMPLIAÇÕES SUÍTES	
DATA	23/02/2026	
ORIENTADOR	RAISSA PEREIRA CINTRA DE OLIVEIRA	



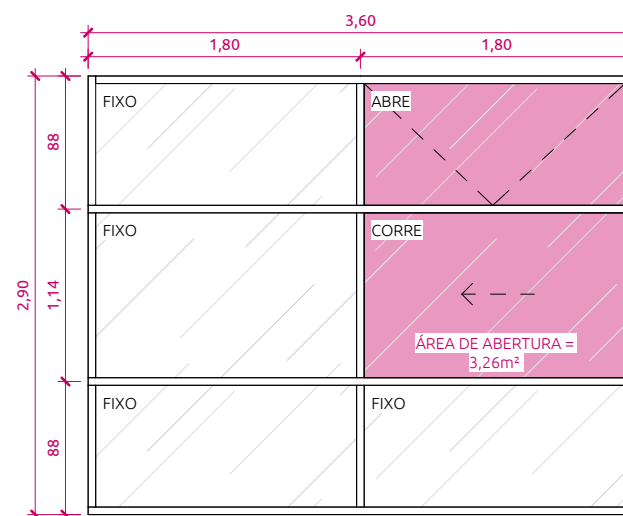
1 J01 - SALÃO DE FESTAS
ESCALA: 1 : 50



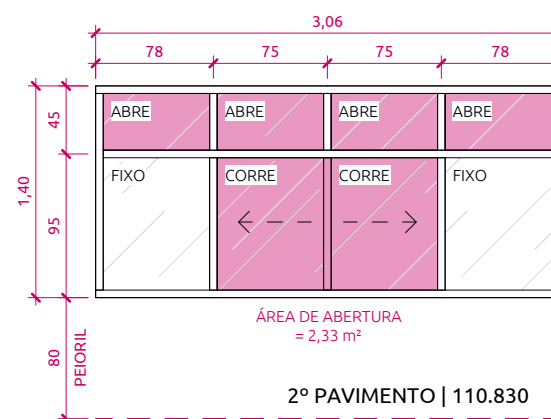
2 J02 - RECEPÇÃO 01
ESCALA: 1 : 50



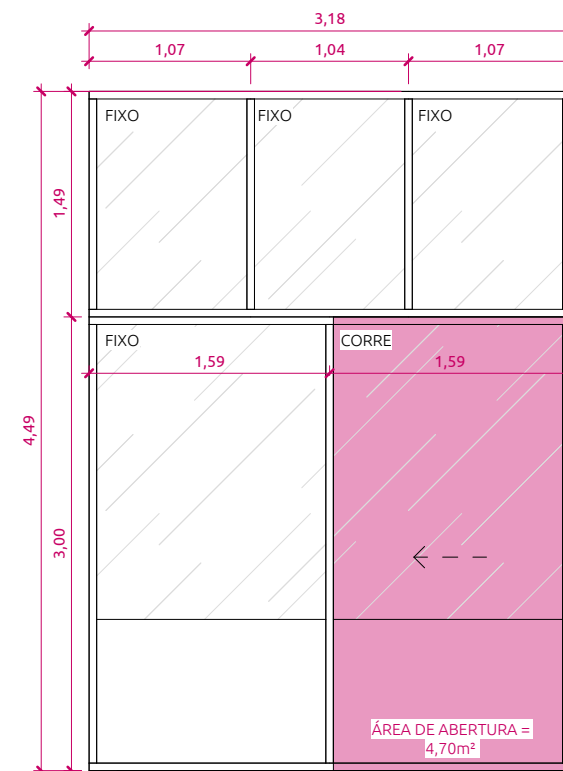
3 J03 - RECEPÇÃO 02
ESCALA: 1 : 50



4 J04 - RESTAURANTE
ESCALA: 1 : 50



5 J05 - SUÍTES
ESCALA: 1 : 50

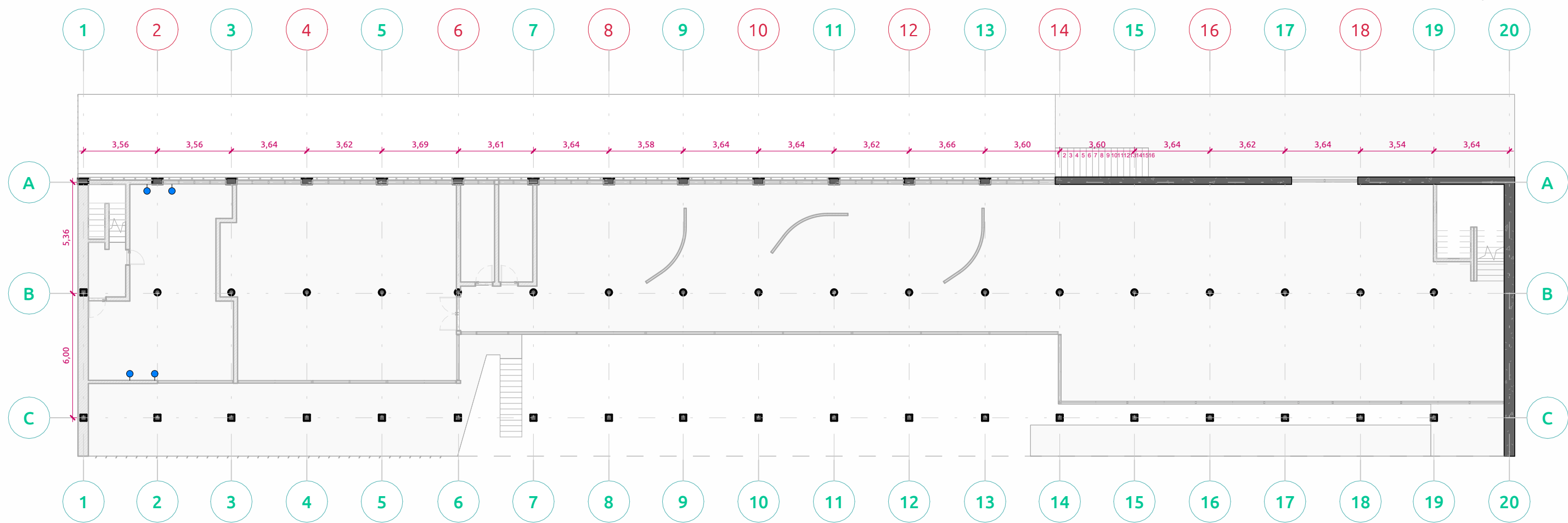


6 J06 - SALA DA SUÍTE
ESCALA: 1 : 50

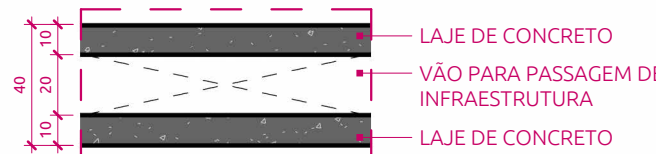
ESQUADRIAS

SMB.	DIMENSÕES (cm)
J01	324x110/0
J02	335x290/0
J03	314x80/210
J04	360x290/0
J05	306x140/80
J06	318x449/0

PROJETO	GRANDE HOTEL	FOLHA 04/05
DESENHISTA	LARISSA GAMARANO	
CONTEÚDO	ESQUADRIAS	
DATA	23/02/2026	
ORIENTADOR	RAISSA PEREIRA CINTRA DE OLIVEIRA	



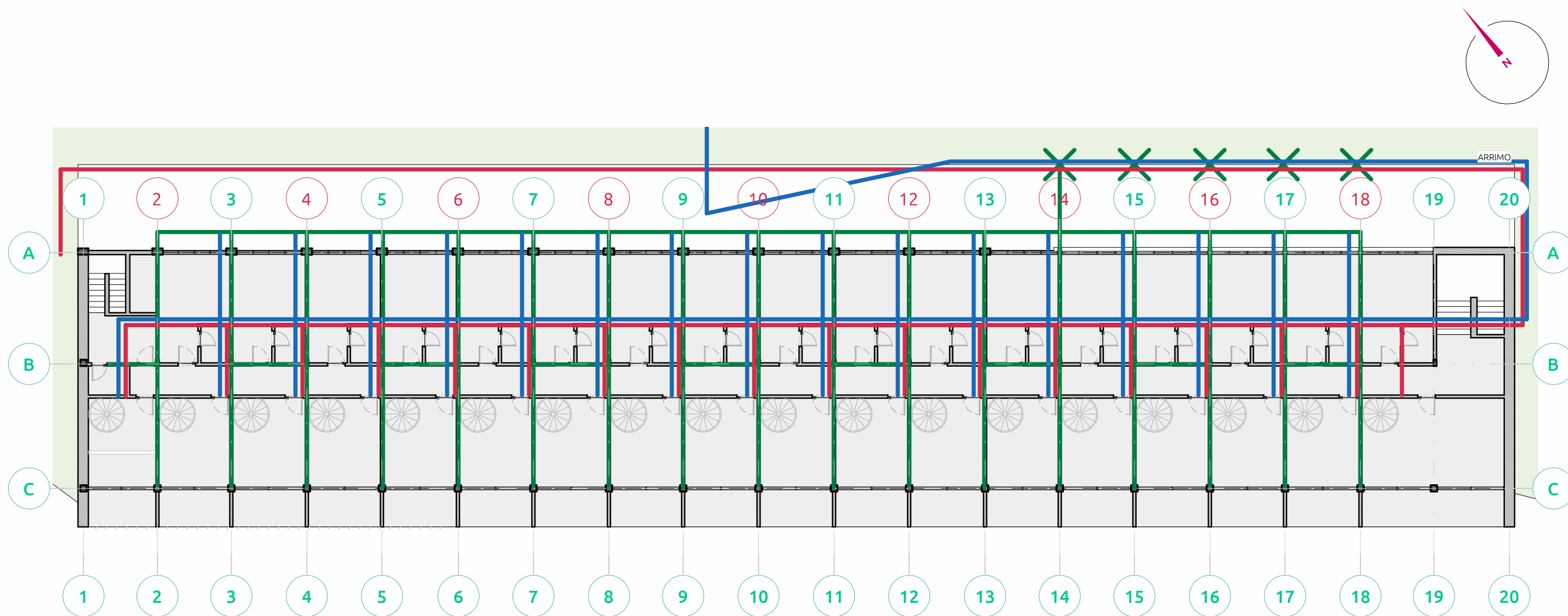
1 ESQUEMA ESTRUTURAL
ESCALA: 1 : 200



2 DETALHE LAJE
ESCALA: 1 : 25



3 DETALHE COBERTURA
ESCALA: 1 : 50



4 ESQUEMA HIDRÁULICO
ESCALA: 1 : 200

LEGENDA

- ESGOTO
- ÁGUA FRIA
- ÁGUA QUENTE

PROJETO	GRANDE HOTEL	FOLHA 05/05
DESENHISTA	LARISSA GAMARANO	
CONTEÚDO	ESQUEMA ESTRUTURAL / HIDRÁULICO	
DATA	23/02/2026	
ORIENTADOR	RAISSA PEREIRA CINTRA DE OLIVEIRA	